



JEAN PIERRE CHAUVIN
LO-RNAMA LORING BASTOS
ORGS.

CONTOS
(SOBRE)
NATURAIS

Contos (Sobre)naturais

**Jean Pierre Chauvin
Lo-Ruama Lóring Bastos
(Organizadores)**

Contos (Sobre)naturais

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Jean Pierre Chauvin; Lo-Ruama Lóring Bastos [Orgs.]

Contos (Sobre)naturais. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 99p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-0994-4 [Digital]

1. Contos. 2. Literatura brasileira. 3. Narrativas de Suspense. 4. Histórias Sobrenaturais. I. Título.

CDD – 800

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

Carta de apresentação: A carne dos contos

Atire a primeira calhaia, o experimentador de vazios que não tenha sublimado a loucura nossa de cada diazinho ordinário, vivido nesta pandemia de circunstâncias e consequências extraordinárias. Se antes dela, a nossa angústia estava viciada em sofrer pelas obviedades existenciais; depois da fúria viral, que se arrasta por um ano, a vida, que já não pisava devagar, resolveu pisotear a cana quebrada, fazer do bagaço pó, depois nada.

Este é o contexto de escrita e produção desta coletânea, que reúne oito autores que, de tão ligados em despropósitos, acharam de escrever sete contos transpirantes deles. Materializar a ideia ou pura sublimação, o negócio deles não possui ambição no sossego. O intuito de cada caso é causar perturbação. As histórias são sobre naturais acontecimentos fantásticos, nebulosos e reflexivos, que envolvidos na fragilidade da existência, apresenta a forma como narradores e personagens exprime sua percepção sobre a vida e o mundo.

Os despropósitos presentes nas histórias trazem o incômodo trabalho daqueles que, de alguma forma, pensam a existência com uma criticidade, digamos, bem imaginativa. E enquanto o fantástico tece o viés das narrativas, as ilustrações que compõem a obra são análogas aos contos, e cumprem poeticamente o seu papel artístico: provocar sentidos e emoções; comunicar; humanizar.

O leitor notará que, embora as temáticas sejam distintas, há uma especial semelhança nos absurdismos das histórias, como na caracterização dos personagens, dos cenários ou nas experiências vivenciadas por seus protagonistas. Como os enredos estão estruturados na fantasia da *sci-fi* e do sobrenatural, os contos possuem um emaranhado de situações ilógicas e paradoxais.

A verdade é que os contistas acabaram levando a sério demais uma tocante definição poética do ofício de escritor: gostar de despropósitos. E como são, tal como o menino da poesia, legítimos carregadores de água na peneira, nesta coletânea eles cuidaram para que os crivos contivessem muitas exclamações e provocassem inúmeras interjeições. O encontro dessas ideias nada tem a ver com coincidência. Por aqui, acredita-se em inimigos mortos e sepultados, que papeiam, tranquilamente no cemitério.

Esperamos que acompanhem de perto as experiências insólitas vivenciadas pelas personagens dos contos que aqui vão.

Lo-Ruama Bastos & Jean Pierre Chauvin

Sumário

A Evolução do Medo	9
Romy Schinzare	
O porteiro	29
Pedro Marques	
Coincidências	33
Manoel Herzog	
Triálogo ou Dissertação sobre a Psiquê	41
Lo-Ruama Lóring Bastos & Jean Pierre Chauvin	
Olhos escarlates	49
Cleber V. A. Felipe	
A Casa do Ontem	59
Carolina Mancini	
Laura	75
Caio Bezarias	

A Evolução do Medo

Romy Schinzare

A mudança aconteceu enquanto eu dormia. Dos detalhes eu jamais saberei, pois minha letargia, embora agitada e infestada de sonhos, era contínua. Quando por fim despertei, descobri-me parcialmente sugado por uma viscosa extensão de lodo negro infernal que se espalhava à minha volta em ondulações monótonas até onde a vista alcançava...

(Dagon, H.P. Lovecraft)

No Inferno Existe Amor?

Levo a mão ao olho esquerdo. Uma pequena protuberância cresce de forma lenta no canto superior da pálpebra. Incomoda e embaça a visão. A dor se alastra por toda a face. Recorro aos analgésicos. Letargia. Entre sonho e realidade, peço reavaliação de outra equipe. Inviável escrever, ler e trabalhar.

A terra da garoa faz jus ao nome! Toda manhã uma neblina espessa cai sobre prédios e avenidas. Fantasmas encapuzados cruzam becos, esbarrando em ratazanas que buscam petiscos matinais. Os tons chamativos dos semáforos rompem aquele véu com dificuldade. A concentração ao volante faz a vista latejar.

Na última esquina, antes de chegar ao estacionamento da empresa, avisto o jovem. Sua silhueta no meio-fio é inconfundível! Paro o carro. Abaixo o vidro e entrego a moeda. Ele curva o tronco, mira-me com mares profundos nos olhos e pergunta:

– No inferno existe amor?

Antes que eu responda, abre um sorriso malicioso e cariado, apanha a moeda e parte. Na distância, sua mortalha se funde à neblina. Faz isso cotidiana e pontualmente. Dinheiro de um café, penso.

O jovem mora na praça da esquina. Esquina de grandes vias. Mãos duplas. Ergueu entre os arvoredos um barraco de papelão. Fica ali. Uma parte dentro e outra fora do mundo. Aparenta trinta e cinco anos de idade. Não se curva ao tempo, nem à vida. Esguio, tem um lindo par de olhos claros, emoldurados por fios de cabelos castanhos que escorrem como cascatas pelas costas magras pra logo se prenderem na nuca por um elástico puído, encontrado numa calçada suja.

Intriga-me. A pergunta passa o dia a me varrer os pensamentos. Divago sobre o inferno a que se refere e antes que perceba, a noite cai e a lua briga por um pequeno espaço no céu plúmbeo, tomado por gases tóxicos.

Na volta, meu olhar mapeia a praça. Escura como a noite. Nada do rapaz. Criatura matutina. Talvez, fruto de minha letargia, de minha dor, habitante do meu delírio.

Na manhã seguinte, temos hora marcada e antes mesmo que a tenha esquecido, vem a frase: No inferno existe amor?

Eu, Carolina

Nasço num dia de festa, Carolina. Na sala, a televisão transmite a Copa do Mundo de 1962. No quarto, pirilampos festejam minha chegada. Primeira filha do casal, irmã de Pedro e Antônio.

O pai e os tios tensos com o gol da vitória. Tia Alzira rompe o tempo e dispara de supetão “A menina está nascendo!”. O instante constrangedor da dúvida entre ver o gol ou cuidar do nascimento permanece nas memórias. Faz parte de muitas histórias familiares.

Sou branca como a cal das paredes do quarto de pé direito baixo. Dona Josefa é baixa. Suas mãos macias amparam meu grito, meu respiro de vida. Parteira experiente. Ali onde nascer tinha data e hora marcada, nasço fora de época. Sou diferente, dizem.

A casa: quarto, sala, cozinha e banheiro. Fica dependurada na borda da pequena cidade, numa ruazinha pacata. Divisa entre as moradas e a plantação de cana-de açúcar. É doce o açúcar da cana nas usinas de refinamento.

Os habitantes trabalham nas lavouras, para onde o corpo segue fechado: calças compridas, botinas, camisas de mangas longas e chapéu de palha. Roças nutridas por caminhões feitos de gente. Foice e facão. Canta o galo, saem. A lua clareia a estrada na volta. Fuligem nos corpos. Queimadas nos campos.

Cresço. Olhos cor de terra e cabelos cor de milho. Chamam-me *encantada*, que domina os ventos e as águas das chuvas. Isso começa quando a cidade é atingida por um forte temporal e eu permaneço no quintal vendo a tempestade arrancar uma velha paineira, levantar o telhado de nossa casa e saio ilesa da experiência. Sem teto... partimos.

Sítio camaleão. Frutos, verduras e um cristalino rio de água doce. Poças d’água cheias de borboletas amarelas, após as chuvas. Voo entre elas que pousam em mim e me acompanham, como os pirilampos.

Certo dia, escola. Terra batida com cerca de bambus. Cinco cadeiras, uma mesa e uma cadeira diferente para uma pessoa diferente. Começo a ver as palavras abandonarem minha boca e povoarem o ar, literalmente. Vejo palavras. Vejo pensamentos.

Numa manhã, uma maldição: O rio seca! Primeiro vira um riacho. Depois minguá até sumir. Tento usar meu encantamento e trazer as águas de volta. Não funciona. Em seu lugar resta um profundo sulco por onde três crianças saudosas escorregam, indo de

uma margem a outra levantando poeira vermelha. As águas levam consigo toda forma de vida. O lugar fica marrom, depois cinza como nós. Partimos. Estrangeiros pelo próprio país... São Paulo.

Anatomia da Exaustão

Repartições públicas. Aplicação de recursos. Prestação de contas. Com prestígio, sigo imune às rotatividades de cargos que ocorrem nos períodos pós-eleitorais. Vida atribulada, cheia de horários e reuniões intermináveis. Precisão e pontualidade! Se ocorrer um atraso, por menor que seja no decorrer do dia, cria um efeito cascata dificilmente perdoado numa mesa de negociação “tempo é dinheiro!”, repetem robotizados.

Relógios marcam os tempos, as vidas. Pessoas, mais precisas que os ponteiros a girar sempre na mesma direção, controlam seus pares. Rotina. Olhares. Máquinas famintas devoradoras de homens. Homens devoradores de homens.

Troca de mobiliário. Cores neutras nas paredes. “Vamos nos livrar dessas mesas antigas e velhas e trazer um novo clima a este ambiente, mais moderno, arejado, suave, confortável e funcional, de forma que cada um tenha um local de trabalho agradável para si e para o atendimento ao público, afinal renovação é a marca da nossa gestão!”. Promessas espargidas sobre flores, beleza natimorta. Solidão.

As palavras flutuam pelo ar. Esbarram em minha cabeça, às vezes. Outras, se entrelaçam num beijo mortal: avareza, fofoca, traição, ódio, inveja, cobiça, ganância... Movo as mãos, para afastá-las. Dizem “gestos estranhos!”. Meu *encantamento* vira “cacoete”. Analgésicos, antidepressivos e antiácidos, recursos para humanos. Encantados?

O olho esquerdo dói. Lua alta. O vigia noturno aponta no corredor, caminha calma e lentamente em minha direção. Acompanha-me até o estacionamento todas as noites. Depois, se

recolhe na guarita até o amanhecer. Turno vinte e quatro por vinte e quatro, com um revezamento.

Num dia de sol, surge Hiago. Ele tem borboletas no estômago.

O Casamento

Caso-me numa manhã nublada do ano de 2020, numa confortável chácara. Segue pela via principal, entra na saída 21. Depois de uns quinhentos metros na estrada de terra - margeada por fileiras de flores coloridas - chega a um antigo portão de madeira natural. A partir dali, todos continuam a pé por um tapete vermelho até as cadeiras forradas de branco, presas por laços dourados na parte de trás. Capricho de Inocência, minha avó.

Ao ar livre, no trajeto até o altar ornado por orquídeas amarelas, sigo de braços dados com meu pai, ao som de *Isn't She Lovely* nos violinos. Comigo chegam os ventos e as monarcas. Suaves redemoinhos escalam o céu azul. Minúsculas flores se soltam dos arvoredos e dançam junto às festivas borboletas. Hiago sorri. Caminho segura ao seu encontro. Os convidados protegem as saias e os chapéus da ventania.

Três dias de festa: danças e comilanças. Encontros, depois despedidas. Vida nova em pequeno apartamento na zona oeste de São Paulo.

Abandonada na porta do condomínio, uma caixa. No fundo de papelão, uma cachorra. Decidimos lhe arrumar um lar. Descobrimos que as pessoas gostam mais de pedigree que de animais. Demos-lhe o nome de Hela, deusa do Reino dos Mortos na mitologia nórdica. É uma renegada no mundo dos vivos.

Nosso começo de vida em comum é servir de alimento ao velho e bom sistema capitalista. Ambos exaustos ao fim do dia. A cachorra traz alento. Abana o rabo. Faz passeios noturnos com Hiago, dos quais retornam estranhamente revigorados.

Cotidiano linear e previsível. Quebrado, vez ou outra, com gracejos de Hiago, cada vez mais raros. O rumo da vida muda

quando eventos escabrosos começam a ocorrer. História nunca sonhada por nós.

Envelope Vermelho

Na vida plena de linearidades algo inusitado é facilmente percebido, sem que seja necessariamente valorizado. Assim foi naquela manhã. Surge um envelope vermelho sobre o tapete da porta do apartamento! Apressada para o trabalho, penso: “Precisão e pontualidade!”

Pego a carta e analiso, sem destinatário. No remetente somente a palavra *Inferno*. Tinta preta. Lembro-me do rapaz no meio-fio. Da casa na praça. Sorrio, girando a carta entre os dedos. Talvez nem seja para mim. Está em minha porta... Não na caixa de correspondência, como de costume... Resolvo abrir. Ali mesmo, na porta. Via de entrada e saída.

Hela se aproxima latindo para logo se recolher a um canto, geme. Hiago está fora em viagem de trabalho. A cachorra sente sua ausência? Abro o envelope. Dentro, sobre um papel azulado, escrito o meu nome. Nada mais. Brincadeira de mau gosto! Jogo no lixo e sigo para o trabalho.

Na manhã seguinte deparo-me com o mesmo envelope dentro de minha bolsa! A memória me trai. Reduzo os calmantes. Jogo a correspondência no lixo, certificando-me de realmente tê-lo feito.

Quando retorno do trabalho, Hela está deitada em minha cama. Sobre meu travesseiro! Estranho. Após alguns afagos levo-a para sua almofada, na sala. Tomo banho e preparo-me para dormir. Exausta. Hiago ainda viaja. Hela geme. Será a ausência dos passeios noturnos? Não aguento sair! Fecho a porta do quarto.

Puxo o travesseiro. Embaixo dele... o envelope vermelho? Em minha cama? Volto-me para abrir a porta e ver se Hiago retornou, com suas casuais brincadeiras. Estou num lugar estranho. Não me encontro mais em meu quarto! As paredes estão negras. Pequenas

luzes coloridas dependuradas pelo teto. Um líquido viscoso escorre entre as luzes.

Mergulho nas Trevas

Meus pés estão imersos em algo morno e espesso. Tento caminhar, mas não consigo. Olho para o chão, escuridão. Tão profunda que as pequenas luzes não mais rompem o breu. Tateio o líquido e trago a mão ao nariz. Cheiro pútrido, de sangue misturado com fezes.

Grito por Hiago, esquecendo-me que viajava. Não ouço minha voz. Estou acordada ou durmo? Belisco o braço, dói! Grito novamente. Nenhum som sai de minha garganta. A gosma avança, sobe por minhas pernas e pelas paredes do quarto. Abocanha tudo que encontra pelo caminho. Atinge a altura dos joelhos; em poucos instantes está próxima a minha boca. Penso na vida até aquele momento. Partirei sem despedidas? Hela está logo ali na porta! O líquido invade minha garganta, narinas e ouvidos. A última coisa que ouço são as garras de Hela arranhando desesperadamente o chão do corredor. Mergulho no vazio.

Entro em queda vertiginosa pelo que parece ser a tubulação de um estreito esgoto. A substância escorregadia que envolve meu corpo me faz deslizar sem atritos. De forma instintiva, coloco-me em posição fetal e grito, grito muito! No entanto não emito nenhum som, se emito, não ouço. O ar se torna rarefeito. O cheiro pútrido se espalha ao meu redor. Depois do que parecem ser horas em queda, caio sobre algo macio.

Minhas pernas afundam até a altura das coxas. Fedor e breu. Há uma presença maligna no lugar. Deixo escapar um hesitante “oi”, que reverbera até silenciar. Tateio o redor, pegajoso. Todo som ecoa, preenchendo o entorno com barulhos que, ao se projetarem, geram efeitos fantasmagóricos. Evito me mover. Aguço a audição e o olfato. Náuseas. Um perfume! Sim, há um cheiro adocicado em meio àquele fedor, como se uma gota aromática fosse despejada em

minhas narinas por mãos invisíveis. Fecho os olhos e aspiro calmamente, me teletransporto a uma vida cheia de alegria, ao frescor das tardes de outono. Quem sabe os abro e estou em casa! Ilusão. Estou no mesmo lugar: -Tem alguém aí? O eco faz com que a pergunta seja repetida várias vezes numa ínfima fração de segundos, martelando em minha cabeça de forma sombria e insistente até o silêncio novamente reinar. Choro.

De repente um sussurro medonho:

- No inferno existe amor?

Entre assustada e alegre reconheço a frase do rapaz morador da casa de papelão, na praça próxima ao meu trabalho. Delírios? Efeitos medicamentosos? Estariam as drogas cobrando seu preço? Movimento-me com dificuldade. Procuo pelo moço. Estou ofegante. - Rapaz, você está aí? Onde estou? Que lugar é esse? Estou morta ou viva?

As perguntas ecoam, uma após outra a se repetirem e se justaporem. Choro compulsivamente. De repente, uma resposta:

- Sim, estou aqui, bem aqui no canto da sala.

A voz não é a do moço que mora na praça. Tenho certeza. Olho para a direção de onde vem o som. Uma silhueta se movimenta no breu profundo.

- Estou aqui, não me vê? Olhe para isso. Joga um objeto no ar e vejo algo dourado reluzindo... redondo e pequeno do tamanho de... uma moeda!

- Sim, eu vejo. É uma moeda! Sou tomada por alegria incontrolável, pelo simples fato de enxergar alguma.

- O preço de sua travessia. Venha, vou lhe mostrar. Mal termina de falar, solta uma gargalhada diabólica.

O lugar todo estremece, um puxão nos pés e me vejo num fosso com o corpo envolto no que parece ser areia movediça. Após luta insana para me libertar, sou sugada e despenco em alta velocidade numa reta em direção ao centro da terra.

O buraco se estreita absurdamente. O riso malévolo que me seguiu no início, desaparece. De repente o espaço fica quatro vezes maior que meu corpo! Queda livre. Giro no vácuo. Cheiro de

enxofre. Gemidos, gritos, uivos, choros.... A vida pulsa ao meu redor em sofrimentos e lamentos. Vez por outra, uma mão tenta me segurar. Agarrar meus cabelos, meus pés. Eu grito e me defendo das investidas enquanto caio. Espero pela morte, caso esteja viva.

Sopra uma corrente de vento gelado. Vejo um clarão. Um portal? Meu corpo cruza aquela passagem na velocidade da luz. Na sequência, para. Fico suspensa no ar. Vejo a escuridão retornar junto com a fenda que se fecha.

Seres Encantados (Fauna do Inferno)

Macabro. Busco por algo para me agarrar. Qualquer coisa! Levito no centro de um grande abismo, tendo o vazio infinito a meus pés e o abraço gélido da escuridão. A maior parte da gosma que envolvia meu corpo se foi. Continua o mau cheiro, gerando engulhos, espasmos e certo torpor. Recordo-me de tudo o que aconteceu até aquele momento, mas as dúvidas só aumentam.

Flutuo confusa. De forma abrupta, pequenos pontos luminosos começam a pulular ao meu redor. Intermitentes. Mudam de sentido e direção de forma aleatória e caótica. Talvez minha visão que aos poucos se adapta ao novo ambiente.

Um novo e repulsivo odor! Algo orgânico muito forte e agressivo para o olfato. Doce e azedo ao mesmo tempo. Volto-me para aquela direção de forma intuitiva e me deparo com um enorme animal azul de olhos vermelhos. Suas íris são irrigadas por pequenas veias negras com uma espécie de líquido luminescente, como fossem luzes de automóveis enfileirados, movendo-se devagar e constante numa estrada com neblina baixa. Vejo a energia luminosa irrigando aquelas íris.

Grito com todas as minhas forças, mas nenhum som sai de minha garganta. O monstro se aproxima, olha para mim e sorri, exibindo caninos esverdeados e pontiagudos. Começa a sair de minha boca um silvo longo e arrepiante. Tento abafá-lo com as mãos, mas perdi o controle sobre meu corpo e aquilo parece vir de

minhas entranhas: um som prolongado e ensurdecedor, mas doce como um acalanto.

A criatura azul continua a me olhar de maneira dócil, se move pelo ar como se dançasse. Ouço gemidos na escuridão e com eles ocorre a mudança nas cores dos pequenos pontos luminosos, que passam de brancos a multicoloridos. Pareço estar numa galáxia distante, envolvida por um gigante berçário de estrelas. Reconheço aquelas pequenas luzes! São as mesmas que surgiram no meu quarto! Após risos histriônicos, vários pares de asas surgem, se movem em direções diferentes, seres nus vão se desvelando por detrás daqueles movimentos: são serafins, cada qual carregando três pares de asas e olhos coloridos.

Os anjos enamorados se masturbam e se beijam enquanto olham para mim. Seus orgasmos saem em jatos coloridos que jorram para todos os lados, como centelhas na escuridão. Percebo que todos se movem em simbiose com o silvo que sai de minha boca. Tento em vão me calar e quem sabe fazer com que desapareçam.

As asas me envolvem, emaranham-se em minhas roupas e começam a me fazer carícias. Uma saliva esverdeada escorre pelos cantos da boca do animal azul. Algo muda nele... seus olhos crescem e dentro deles as veias negras começam a girar em espiral sobre o vermelho. Inebriada, fico com a atenção presa ao centro daquele rodamoinho enquanto o corpo se contorce com as carícias, a mente divaga e a alma se liberta.

Os serafins me despem aos poucos. Nos olhos do monstro a ilusão caótica e maluca fica cada vez mais veloz até que as veias negras se rompem e passam a saltitar pelo ar em contorções, como mangueiras soltas expelindo jatos de água, serpenteando sobre a grama de um jardim. Uma bruma púrpura de aroma adocicado impregna o ar. Todos são levados a um frenesi delirante.

Meu corpo passa também a se mover ao som do silvo. Numa coreografia suave, giramos pelo espaço, tendo o olhar avermelhado a nos abraçar e entorpecer. Alguns daqueles anjos, com sobrancelhas grossas e negras, cabelos escuros e genitálias

desproporcionais aos seus corpos – maiores que o normal – cavalgam nas costas do monstro azul.

Os jatos de ejaculações dos anjos, a cor púrpura, a fragrância adocicada, o silvo ensurdecedor, a nudez e a vertigem, chegam a um ponto insuportável. Sai de minha boca um vômito fétido e com ele são libertados seres jamais imaginados: fadas malévolas, reis montados em cabras, padres amamentando filhos recém-nascidos em tetas volumosas, anões alados. Essas criaturas vão se agarrando aos gozos angelicais que ganham forma de arco-íris e começam a surfar sobre os feixes reluzentes.

O som em minha garganta toma proporções inaudíveis e aceleradas, enleva a todos numa dança bizarra. A bruma se mescla com a gosma verde e se move pelo lugar, ora se concentrando mais próximo dos seres, ora se espalhando em ondas de energia embaixo dos jatos coloridos, elevando-os às alturas. Os seres estranhos muito se divertem, emitindo gargalhadas estrepitosas.

Inesperadamente o silêncio! Minha boca se cala. Os anjos se recolhem, sorrateiros. O nevoeiro dissipa-se carregando com ele o animal azul e o aroma doce do ar. Os seres encantados buscam abrigo nas seis asas dos serafins. Todos protegidos pelo manto da escuridão. Permaneço eu com minha nudez.

O Hospital

Nua, levito só na escuridão, instintivamente protejo a genitália com as mãos. Sinto-me aliviada por não emitir mais o silvo incômodo. Uma luz enorme surge diante de meus olhos! Chega cada vez mais perto enquanto dedos abrem minhas pálpebras. No centro do clarão, um rosto com duas grossas lentes de vidro. Ouço uma voz me chamar, mas não consigo responder.

Abro os olhos de forma lenta. O rapaz me observa com doçura. Usa um jaleco branco e touca verde clara, parece um médico. Estou num hospital? Penso.

Um latido, parecia de Hela. Retornei para casa! A cachorra se aproxima de minha cama como se eu fosse uma estranha. Traz um envelope vermelho entre os dentes, pego-o com dificuldade. Tenho medo, mas abro a correspondência com cautela. De dentro exala um cheiro adocicado e forte. Fico arrepiada. Assim que inalo o perfume entro numa espécie de transe catatônico, sai do envelope a fauna do inferno. Um a um, os monstros dos meus delírios, ocupam o espaço ao meu redor. Estão felizes, como se ressurretos de longo cativeiro. O médico começa a saltar e girar pelo quarto numa dança desvairada e grotesca. Hela entra embaixo da cama ganindo.

Esvaziado, o envelope vermelho desenvolve uma espécie de dobradura mágica e se subdivide em duas partes. Cada uma delas toma a forma redonda de grandes olhos vermelhos. As letras negras da palavra *inferno* se esticam até se transformarem nas finas veias dentro dos olhos, por fim ressurgem o animal azul. O médico gargalha e escala as paredes de um lado a outro. Parece festejar a chegada do monstro. O animal, num riso gosmento, escancara a bocarra e grita:

– No inferno existe amor? Responda logo, no inferno existe amor?

Acolhe os seres encantados sob seus braços peludos enquanto continua a gritar:

– O diabo tem filhos? Diga-me logo, o diabo tem filhos?

Enquanto faz perguntas sem sentido vai-se embora, mas ao longe ainda ouço sua voz:

– Quem pariu estes demônios? Diga, diga logo, quem pariu estes demônios?

Quando todos se foram, ficamos apenas eu e o médico. O rapaz, estranhamente sereno, se aproxima. Pega meu pulso e pergunta carinhosamente:

– Está tudo bem, Carolina?

Antes de responder, olho ao redor à procura de Hiago e Hela. Noto que o hospital é sinistro, todo em branco, do teto ao chão. Tem uma pequena janela com um vidro que não se abre, parece

ter sido colocada para trazer um pouco de luz ambiente. Lá fora o sol é intenso e tão claro quanto o quarto. Minha voz sai fraca:

– Sim, estou bem. Onde estão Hiago e Hela? Lágrimas escorrem por minha face ao ouvir minha própria voz, límpida e audível.

O homem me encara indagativo. Parece não compreender o que digo. Pergunto novamente. Como resposta, o mesmo estranhamento. Após várias tentativas de comunicação, o suposto médico olha para mim e começa a cantar enquanto ata meus braços e pernas ao leito com fortes correias de couro.

Seu canto sai pelo ar em forma de desenhos nos quais leio que estou no inferno. Imobilizada, nada posso fazer quando ele se retira do quarto e retorna saltitante com uma injeção que aplica em meu braço esquerdo, me devolvendo ao sono profundo enquanto libera imagens pelo ar *ela não está pronta, ela não está pronta* que passam diante de meus olhos como fosse um letreiro luminoso. Aterrorizada, sinto o líquido penetrar em minhas veias enquanto adormeço lendo aquela frase.

Energia Espiral

Os serafins resurgem para conduzir-me às profundezas do inferno sobre um arco-íris. No caminho, o silvo rompe em minha garganta, o nevoeiro se abate sobre nós e a dança sensual reinicia. A penumbra está colorida com as criaturas encantadas. Carrego meus demônios para o inferno?

Olho para trás e vejo as lentes grossas do médico que desaparecem. Ele sorri para mim e recomeça a cantar e dançar. Faz de Hela sua parceira mulher e valsam pelo quarto como um casal apaixonado num salão real. Tira os óculos. No lugar dos olhos, duas cavidades preenchidas por rodaminhos em preto e branco que giram em espiral se afinando na íris. No movimento, como se fosse um túnel do tempo a nos apresentar cenas futuras, pude ver quando outro envelope vermelho era entregue na Terra.

Deixado na porta de uma residência, uma menina o pega e busca pelo carteiro, sem nada encontrar. Semelhante ao que me acontecera. Compreendi que aquela entrega representava uma forma de morte na Terra.

Deixo aquele mundo para trás, olho para a escuridão. Sinto-me estranhamente preparada, *a sensação de medo me abandona*. Desconheço se estou descendo, seguindo em linha reta ou subindo... as noções espaciais se confundem. Há cores em mim e nos serafins, volto-me para a dança. Desço às profundezas do inferno, mas sigo acompanhada.

Sinto a vida pulsar em mim. Como fosse a morte o recomeço num lugar inusitado. Paro de divagar quando ouço um baque surdo. Os serafins olham para mim, os antigos risos marotos dão lugar a um riso malvado, as ejaculações e carícias param – o que tirou o colorido e o brilho do lugar – o silvo silencia e os grandes olhos vermelhos se recolhem na escuridão. Como se tivesse feito a minha passagem, o monstro azul parte levando sua moeda.

Algo começa a se enrolar em meus pés e subir por minhas pernas qual serpente fria e áspera. Conforme sobe aumenta a pressão sobre a pele, apertando as coxas, numa tortura dolorosa. Em poucos segundos, tenho a impressão de não ter mais as pernas, o mesmo ocorre com meus braços, depois com a minha cabeça e o tronco. Apesar de estar totalmente desmembrada, mantenho a consciência.

Minhas partes flutuam, levitam na escuridão. Vez por outra um braço toca uma das pernas ou o tronco esbarra no braço. Corpo mutilado que gira em torno de um eixo invisível. Tento descobrir o que atrai minhas partes, que energia é aquela.

De repente um braço peludo esbarra em meu cabelo e logo depois uma perna curta, uma cabeça... outros corpos mutilados também giram em torno da mesma energia sobrenatural. Algumas faces sorridentes, outras chorosas, catatônicas ou tranquilas. Mãos dançam pelo ar, alguns dedos carregam anéis que reluzem na escuridão. Conforme a visão vai se adaptando, consigo discernir

que há um lugar o qual todas as partes parecem buscar. Tenho a impressão de integrar um ritual, mais que isso: de ser o centro dele.

Uma pequena fagulha emana da energia e começa a se mover em sentido vertical para logo se ampliar transformando-se em uma linha que se subdivide em outras três iguais que se entrelaçam. Cada qual desenvolve um movimento espiral sobre si mesma e sobre as outras. A centelha luminosa sobe e desce entre elas.

Longa e atlética, uma perna se aproxima de um tronco infantil e a ele se une com um leve toque das linhas, juntos buscam uma perna mais curta e bem delineada e a ela se unem com o mesmo toque, o mesmo ocorre com um braço púbere fino com longas unhas pintadas de rosa e outro braço com pelos negros e unhas curtas, parecendo de um homem de meia idade.

Um corpo se forma diante de meus olhos! Ainda amedrontada com aquilo, percebo que todas as cabeças começam a pular, girar e gritar, como se estivessem ensandecidas. De forma repentina param e fixam-se em mim! Imediatamente o corpo disforme se move em busca de minha cabeça. Reluto, mas as linhas, dançando em movimentos ondulares, procedem à fixação.

Como Frankenstein, sou recriada num ritual macabro. Frankenstein, bem ou mal, tem um criador. E eu? Não me parece haver alma por detrás desta criação, simplesmente uma energia, vinda não sei de onde. As linhas, como surgiram se foram, levando consigo o restante dos membros que levitavam pelo ar. Alguns deles, pedaços de mim.

Cada Membro Relata Sua História

O braço direito começa a arder, olho para ele e bolhas de queimaduras brotam na pele. Fecho os olhos forçando ao máximo as pálpebras umas contra as outras e ao reabri-los, estou com o sol a queimar minha face! Ventos carregando ondas de areia em sequências alucinantes varrem o deserto, mudando seus contornos como fossem páginas viradas de um livro. A garganta

está seca, preciso urgentemente de água. Meus olhos, nariz e boca são castigados pelas areias escaldantes que queimam ao tocar minha pele.

Na distância vejo um oásis. Tento me levantar e alcançar aquele paraíso, as pernas não obedecem. O braço direito arde com as bolhas que estouram uma após a outra. Por debaixo da pele surgem pequenos vermes esbranquiçados que saem do meio da carne e caem ao chão, afundando-se de forma rápida no solo arenoso. O sol, como se aumentado cem vezes em lupa gigante, chega cada vez mais perto de meu rosto até se transformar numa explosão branca.

Estou no comando da aeronave, minha missão é simples, bastar apertar o botão vermelho e esperar que a bomba caia fazendo com que a guerra termine e meu país saia vitorioso junto aos aliados. Do chão sobe um clarão em flor, lá embaixo pessoas com as peles em chamas correm pelos campos e cidades devastados.

Sem dar trégua ao corpo, o braço esquerdo se manifesta. A mão de unhas alongadas com esmaltes rosados começa a dançar pelo ar. Segura meu rosto e gira-o para o espelho que reflete lábios carmim.

Vejo-me deitada num papelão, numa calçada suja e malcheirosa. – Essas pedras são realmente milagrosas! Com o álcool, alívio a fome; com o crack, a dor. Dia e noite busco consolo na *viagem* para em seguida encarar a vertigem da queda.

Perdi a conta dos filhos que tive, sei que foram muitos. Alegrias efêmeras. Com o padrasto aprendi como me portar à cama, segurar um copo e conseguir o que queria através da sedução. A cada esquina outra jornada de delírio que me remete a novas experiências.

As unhas, antes impecáveis, são restos corroídos como minha alma. Não sei quando nem como o inferno me levou, sei que fiquei por lá... com o braço esquerdo a dançar e dançar na escuridão.

A musculatura da perna esquerda fisga, sou chamada a outra dor. Treino por dez anos, todos os dias. Foi-me dada uma chance!

Preciso vencer! Na vitória está a única oportunidade de me livrar da fome e ajudar minha família. É dada a largada, parto. Pulo o primeiro obstáculo, o segundo, o terceiro, mas quando chego no quarto, a ponta do pé esbarra no cavalete e caio. Sou desclassificado. Choro como um anjo amaldiçoado, fadado a viver nas sombras.

Nova fisgada, agora na perna direita. Abaixo meu olhar. O pé magro, branco, sem máculas, calça um clássico Luiz XV. A alta sociedade não pode esperar!

Caminho com suavidade, um sinuoso movimento nos quadris dá mais charme ao andar. A roupa realça minha silhueta na passarela. Paro para as fotos. Minha beleza será eternizada, tenho certeza. A anorexia se agravou...

O tronco me chama! Brinco com a boneca no jardim. O vento levanta as folhas ao redor que sobem entre a poeira para logo serem depositadas ao solo.

Minha pele negra realça a beleza infantil. Um carro surge em alta velocidade, nem vejo quando me atropela! Em casa minha bailarina e meu urso de pelúcia ficam deitados sobre o lençol cor de rosa.

Todas as partes de meu novo corpo começam a me chamar para sua história ao mesmo tempo e eu não sou somente um corpo montado, mas um mosaico maligno e incompreensível de mim mesma. Então o inferno é isso? Morrer é se desmembrar e se recompor a partir de outros seres humanos, assumindo suas histórias, suas vidas? Por que tinha que sofrer por estas outras vidas? Por que recompor-me com elas? Onde estão as partes de meu corpo? Ficarão no inferno relatando a minha história a outros mortos? Por quanto tempo? Este ciclo tem fim? O que fazia aquela criança inocente no inferno?

Enchia-me de perguntas quando ouvi uma voz, que falava dentro de minha cabeça, como se recebesse uma mensagem telepática. – No inferno existe amor?

Num rompante, as palavras “inferno”, “amor” e “existe” começam a girar ao meu redor de forma aleatória, como a me

instigar a responder e eu, meio sem saber bem o porquê, talvez tentando me livrar de toda aquela loucura grito:

– Sim. No inferno existe amor. Tenho certeza, no inferno existe amor. Parem, por favor!

*Relatório nº 20.000 do ano 2300
A Evolução do Medo - Modelo H.R.*

Carolina acordou numa poltrona de couro marrom, conectada a vários fios que saíam de suas pernas, braços, troncos e cabeça. Monitores faziam gráficos de todas as reações durante o processo. Ao final, um autônomo entrou na sala e procedeu a desconexão do corpo. Carolina despertou, levantou-se e foi até a porta entreaberta. No banheiro havia toalha e roupas limpas. Posicionou-se no cubículo triangular. Jatos de água jorraram das paredes. Tomou banho, vestiu-se e saiu para a via pública.

Olhou para o estranho prédio onde esteve. Desconhecia como fora parar ali, mas tinha a impressão de precisar ir embora o mais rápido possível. Em casa, foi recebida por Hela, como de costume, alegre e abanando o rabo. O marido ainda viajava – memória preservada da última reciclagem. Tomou um café curto e pensou sobre a vida. As drogas de controle emocional não foram utilizadas, não conseguia entender, mas acordara se sentindo diferente. O telefone tocou:

– Carolina, você ainda demora a chegar? Todos estão te esperando para a reunião!

– Oi, chego em dez minutos. Respondeu mecanicamente.

Pegou a chave do carro e seguiu para o trabalho. Nosso agente de campo estava no mesmo local. Aproximou-se e fez a pergunta:

– No inferno existe amor?

– Sim, respondeu sorrindo. Não deu a moeda.

O moço foi embora e nunca mais voltou. Seu trabalho estava encerrado. Constatamos que a pergunta não mais a incomodou e, tão logo chegou à empresa, esqueceu-se do ocorrido. O Programa “Evolução do Medo” para Humanos Recicladados foi concluído com sucesso. Não encontramos novos indícios de desequilíbrios emocionais que

desqualifiquem Carolina para o trabalho e o convívio social. Todos os dados foram conferidos. O reequilíbrio foi alcançado. As memórias ajustadas e reconectadas. Não precisa ser eliminada. Vida humana preservada.

Assim parcialmente concluímos.

*Comando Central
Inteligência Artificial Central*

O porteiro

Pedro Marques

escritório da bp em são paulo. tudo mais clean e calmo que o normal. e olha que a brancura hospitalar era sempre enorme, dos móveis ao tom da pele. um dia sonhei que fui tomar café e o bicho caía pálido no copo de plástico branco derivado do petróleo negro. estamos em pleno mar da alta executiva. todo mundo deu seus pulos pra conseguir o ielts. que toefl é coisas de trainee, de aspira que gasta quatro quintos dos infernos do salário financiando um mini cooper. isso sem nunca pisar nas terras enrugadas da rainha. os caras hoje têm cinco olhos. primeiro, na porta. segundo, no email. terceiro, no whatsapp. quarto, nos gestos do diretor executivo, isto é, este sacana que vos fala. quinto, no cu que o medo exige. Em média, não passam muito dos trinta anos. Em geral, moram com os pais. ninguém chegou a trocar uma fraudada, quiçá mudam de cueca quando dou-lhes uma enrabada de acordo. *se meu filho não nasceu, eu ainda sou o filho*. as minas, muito mais aceleradas, focam no grupo de whatsapp dos motoristas. não interessa o tamanho do peixe, se vem da metrópole ou de outras colônias, quem traz é sempre a galera do transporte executivo. umas figuras que pediram auxílio emergencial durante a grande pandemia. e agora voltaram a conduzir umas máquinas que valem mais do que todas as moradias deles juntas. cheios de histórias, parentes

infectados, ódio de montão contra o govenador desta capitania. por que fechar tudo e deixar a massa descer pra praia? o nome do novo presidente pra os negócios no brasil ia ser anunciado. sabiam apenas que era um gringo e da américa do sul. seria um brasileiro? evento pra investidores, os preferenciais espertos e os trouxas ordinários. estes últimos os que entubaram legal quando deu aquela cagada monumental no golfo do méxico. só foi pior pros terceirizados. cortados, picotados, papel higiênico na lixeira que limpam de hora em hora. tá na escala. iso cem mil é a puta que o pariu. consciência ambiental e social. primeiro emprego dos moleques de rua. adotamos uma comunidade. chegamos onde o estado falha. depois recuperamos a maior parte da esmola com renúncia fiscal. os melhores promovemos ao call center. o elevador parte do subsolo, esse recanto da terra de onde jorra nossos bônus. a porta aberta cospe um tipo meio porteiro, paraíba inteiro. whatafuck? esse deve falar inglês pior do que o ayrton senna. esse deve ser o secretário indiano varrendo o chão pro big boss passar. o cara deve ter um séquito de seguranças, lógico, todo cuidado com terrorismo é pouco. ainda bem que o tubarão não podia ler os balões de pensamento. os caras mais ou menos iguais, mesmo cabelo, mesmos gostos, comendo as mesmas biscoites. as minas no mesmo rumo, no máximo abafando a tanga vermelha por baixo dos cinquenta tons de cinza do uniforme yuppie. e eu de diretor dessa resma de lesmas. me fiz ator de negócios, cínico profissional. mas a manada acredita na sua relevância. torram tudo que ganham e aos quarenta vêm com um papo de start up. depois do leite derramado, da cabeça brochada, da pança de quatro meses. o presidente nascera na guiana, membro da british commonwealth of nations. família de mineradores de bauxita. ali onde você atravessa o rio amazonas e aprende inglês. ali onde o pai do tony tornado galou de escravo reprodutor em pleno século xx. é, animal, quem não sabe geografia também toma na bauxita. no happy hour esvaziamos uma enormidade de ales. latinhas de alumínio que valem ouro. o pão do catador empreendedor. nosso pica agora é da guiana, daquele paiseco? o brasil virou um grande nanico

internacional. algumas bexigas de pensamento ético indo e vindo dos banheiros. sovacos vencidos, freadas de bicicleta nas cuecas, menu de sopa nas calcinhas. esses mbas nunca entraram num teatro e já fazem parte de uma comédia como atores. são variações do gorducho sir john falstaff. claro, sem nobreza qualquer, não despertarão no final. amanhã vão produzir muita ressaca e miséria diante das telas. e aí, faturou alguém no final? nada, saldo de cinco contra um, cara. miga do céu, esse gato é uma fraude! pelo menos eu negocie um ball cat. e finalizou com gargarejo ou conjuntivite? eu sempre carrego meu dildo. the merry wives of windows.

Coincidências

Manoel Herzog

Houve tempo em que não acreditava em nada além do que viam os olhos. Ainda, do que estes viam, algo havia de que desconfiasse, negando evidências. Esse tempo se foi, hoje de nada duvido. Antes, a única coisa em que efetivamente não acredito são as coincidências.

Naquele tempo, o Casqueiro era um bairro pobre, quase favela, as ruas de terra tinham valas, esgoto a céu aberto. Pior do que é hoje a Vila dos Pescadores, antiga Vila Siri, favela que está virando bairro. Sandra conheci na escola. Era mais velha dois anos. Não bastasse a natureza avançada das meninas, desenvolvem-se antes de nós na adolescência, estes dois anos criavam, à época, um distanciamento abissal. De maneira que sempre fitei Sandra de um ponto escondido, atirador de elite cujos tiros malogravam. Posição privilegiada, pontaria péssima. Doeu quando ela, minha musa sem o saber, passou a se interessar pelos garotos do colegial. Estávamos na sexta série. Fosse fazer uma colocação de acordo com nossa maturidade sexual, ela estaria às portas da faculdade, aspirando a bailinhos, eu ainda no primário. Chamava assim naquele tempo, colegial, ginásio e primário. Assim foi que amarguei ver Sandra de graças com jogadores de futebol e vôlei, os bons da educação física, sujeitos que já ostentavam muitos pentelhos e alguma barba, bem

mais altos que eu. Isto a ponto de sequer considerarem minha hostilidade, viam-me apenas como um fedelho mal humorado.

Era um colégio público de subúrbio, o Castelão. Dos amigos do primário, dois terços chegaram ao ginásio. Destes, um oitavo, digamos, chegou ao colegial. Dali pra faculdade fomos eu e mais dois, que me recorde: Luciano, hoje economista, e Zeca, advogado. A favela, o desemprego dos pais, o trabalho precoce dos estudantes, tudo tragava o contingente de meninos à vala da pobreza, financeira e cultural. Conforme o Casqueiro virava bairro de classe média, a população original, tangida, ia saindo. Sandra também, chegou só ao primeiro colegial. Mudou pra Vila Socó, hoje São José, em 1982, o que não impediu que a reencontrasse, quando já cursava eu a universidade e tinha um emprego relativamente bom numa indústria. Dei sorte na vida. Me aguentei lá. Não fui pra favela.

Isto se deu de forma curiosa, no princípio dos tempos em que comecei a ver com olhos mais céticos as coincidências. Trabalhava comigo, lombando sacarias, um tipo por nome Pedro, alcunhado Venta-de-Boi. Era um negro de nariz grande e achatado, as narinas tão anchas que se podia, diziam, ao levantar do queixo, ver-lhe os miolos. Sujeito rude e briguento, metia-se em confusões por nada. Diziam ser macumbeiro. Certa vez o engenheiro da área onde trabalhava caiu doente, perdeu todos os cabelos e vinte quilos. Nenhum médico descobriu. A AIDS estava começando. Todos falavam que fora macumba do Pedro-Venta-de-Boi. Ele não negava, gozava o prazer do poder atribuído. Não sei por que situação difícil passei que me fez fraquejar no ceticismo, fiz ao Venta uma consulta espiritual. Ele se dispôs a me ajudar, levando-me ao centro onde, soube-o ali, era pai-de-santo. Pedro morava então na Vila Socó, isto foi uns anos antes do incêndio que destruiu a favela. Fomos no meu carro, que até carro eu já tinha naquele tempo. Dei sorte na vida. Perguntou se teria problema dar carona à sua vizinha, falei que não. Pois a vizinha era a Sandra, ainda bela, só um tanto judiada. Não lembrava mais quem eu era. Ali, de carro e tudo, pentelhos e barba, falando bonito, fui encantando a Sandra até o centro. Dias depois da consulta liguei para tomarmos um

chope. Saí da minha tocaia e baleei Sandra à queima roupa. Era o dia 27 de dezembro de 1982.

Consolidado o namoro, nos juntamos. Fiquei amigo do pai dela, Pedro também, por apelido Pedrão-Bigode, um tipo forte e calado, com o qual ninguém se metia. Tinha um bar na favela de Vila Socó antes do incêndio de 1984. Depois, indenizado, mudou pra Vila dos Pescadores. Montou outro. No bar do Pedro se jogava a dinheiro. Polícia não se metia muito, levava algum e deixava quieto. A coisa com a Sandra durou uns anos, bem mais do que eu suportava. À medida que avançava no emprego e no estudo, criou-se uma distância entre meu mundo e o da Sandra. De onde estava, esgotado o Casqueiro na minha vida, tinha eu dois caminhos: mudar para Santos, de preferência pro elegante bairro do Gonzaga ou ir pra favela. Sandra não quis mudar, fez valer a baixeza de sua classe. Não bastasse a sucessiva gritaria com que expunha minha intimidade aos vizinhos, achou de fazer concessões a meus antigos inimigos de escola, que começou a receber em casa. Estes hoje não deveriam me incomodar, simplórios, menos aquinhoados na vida que eu. Mas Sandra procurava sua turma, e eu passava o constrangimento de perder ponto para quem julgava inferior. Não tardou a que eu desse uns espanques na Sandra, merecendo o ódio de meu sogro Pedrão-Bigode, homem que se mostrou violento e, sendo amigo de policiais, me levou na vida a algum risco. Esse combinado de nuances da miséria começou a me incomodar. Neguei minhas origens, sumi do Casqueiro. Além disso a que me vi exposto, ainda deu o Venta-de-Boi, Pedro que nem o pai da Sandra, e tão perigosa ligação para mim quanto, de me hostilizar. Pedras no meu caminho. Fui obrigado a desprestigiá-lo numa situação conflituosa na companhia. Tomei as dores de outro funcionário, disso dependia uma promoção que eu almejava. Não pensei duas vezes para vender o Venta, que guardou profundo rancor por tal fato. Também porque entendeu que depois do enrosco com a Sandra eu passara a desprezar nossa amizade, ele se julgava responsável pela nossa união, queria que frequentássemos sua casa, etc. O Venta era bom pra roda de samba, mas não dava

pra privar de muita intimidade com ele, ainda mais agora que eu estava perto de me formar, já encarregado, quase engenheiro. O problema era que além de ser um sujeito valente e ignorante, o Venta tinha seus brios e, ofendido, deu para me afrontar de uma forma complicada, escarrando quando eu passava. Fiz de bobo um tempo, depois achei que ia acabar tendo que tomar alguma atitude, para não ficar feio na fotografia. Para não ter de ir a vias de fato, sugeri à chefia sua demissão. Ele nunca soube.

Poupou-me deste trabalho ingrato de usar de valentia o Zé Caju, no exato dia 27 de dezembro de 1991. Zé Caju não, a Providência. Pedro-Venta foi demitido da companhia. Desempregado, achou de vender droga. Tornou-se um sujeito verdadeiramente perigoso, dando vazão a sua veia de valente e angariando fama na favela como patrão do tráfico. A miséria embrutece. Se eu estava livre dele no meio profissional, agora calhava de cruzá-lo pelas ruas, visitava sempre o Casqueiro. Aí entrou o Zé Caju na história. Era um sujeito magrinho, bobo de tudo. Vivía no bar, gostava de tomar umas canas, não mexia com ninguém, não fosse pela índole pacífica, mas também porque o porte físico acanhado não o garantia. Era um bosta, mas ninguém desgostava dele. Estava no bar do Plácido, perto da passarela que atravessa à Vila dos Pescadores, tomando sua cerveja, naquela tarde. Pedro-Venta-de-Boi entrou e chegou a trocar algumas palavras com ele – eram amigos. Não sei no que deu a coisa, mas depois de algum tempo o Venta passou a desaforar o Zé Caju, que ficou bem quietinho. Além de desaforar, deu-lhe uns tapas na cara, e mandou ele vazar do bar. Dali o Pedro atravessou pra favela. Zé Caju, engolindo o choro, não acatou o mandamento. Choro engolido fermenta, é um veneno. Não sei onde conseguiu aquele punhal, mas se armou e ficou no bar, chegando ao desaforo de pedir mais uma cerveja, não acreditava que o valente fosse voltar. Armou-se só pra dizer a si mesmo que era homem. Só que o Diabo não dorme nessas horas, e o Venta, desempregado e agora bandido, tão logo chegou em casa, não sei por que achou de voltar no bar para bater em mais alguém. Digo não sei por quê, mas sei que se trata de algo diverso de

coincidência. Venta-de-Boi sequer se deu ao trabalho de achar novo destinatário pra sua ignorância, o próprio Zé Caju, desobediente, quedava ali, ignorando, e mais, tripudiando o comando de outrora. Saiu dando-lhe sopapo, cego de bebedeira, droga e raiva, e com o Cão assoprando maldade em sua cabeça. Era a hora dele. Não contava que o Zé Caju guardasse o punhal embaixo da mesa, o mesmo que varou seu umbigo, indo sair de ponta bem perto do rabo. Venta ficou três dias no hospital, sempre que lembro chego a sentir a dor da punhalada no meu próprio umbigo. Depois dos três dias não aguentou e, para alegria de muitos, eu inclusive, finou-se o Venta. Quase ninguém foi no enterro.

Lembro que até a Sandra, que tinha medo do Venta-de-Boi, ficou aliviada depois do crime. O Zé Caju vazou lá pros lados de Mato Grosso. Passou uns dias me ligou – eu nem tinha amizade com ele. É que eu conhecia um advogado, o Zeca, amigo de escola. Falei com ele, preparou a apresentação do Zé Caju, que nem chegou a ir em cana. Legítima defesa: defendeu seus brios. Talvez se houvesse cansado de ser um bosta na vida, dera de carregar consigo, nos últimos tempos, o punhal do pai, o velho nunca aceitou sua covardia. Prestou contas ao pai, estavam quites. Morreu uns meses depois, atropelado na Via Anchieta, bem embaixo da passarela de acesso à Vila – preguiça de subir, ou vontade de cumprir o destino. Por duas semanas fiquei de boa com Sandra, que não fez mais baixaria. Achei mesmo que o Venta-de-Boi fosse um agouro enquanto vivo, e que perdera a condição de espectro com o trágico passamento, deixando minha vida em paz. Essas coisas esotéricas geram muita especulação, e sempre se fica sem uma comprovação científica, lamentavelmente. Depois, concluí que a paz trazida pela ausência do Venta durou só o tempo de seu ingresso pleno no mundo do além. Lá chegando, no prazo das duas semanas de minha breve felicidade conjugal, voltou a importunar, colado o grau de oficial de fantasma, e Sandra voltou a berrar e ficar de graça com os otários do bairro. Usei de alguma violência com ela, pedagógica e bem inferior à que ela merecia. Não considerou assim, no entanto, o pai dela, Pedrão-Bigode, e proferiu no bar, no

meio da jogatina, minha sentença, jurando-me e levando a filha de volta para casa.

Por aqueles tempos achei mais seguro realizar meu antigo sonho, e mudei pro Gonzaga, onde aluguei uma kitchenette barata. Os amigos meganhas do Pedro-Bigode não iriam atrás de mim. Eu é que ia de vez em quando atrás da Sandra, a gente se encontrava, dava uma, depois brigava. Muito feio. Cheguei a pensar que nunca ia me livrar daquilo, e que o Pedrão teria razão se me matasse. Não é fácil chegar a engenheiro.

Não tardou muito a que a Providência viesse de novo em meu auxílio. Um dia – dia 27 de dezembro de 2000 – estourou uma guerra de traficantes na favela, alcaguetaram a jogatina no bar do Pedrão-Bigode, dizendo que lá rolava droga, e a polícia, num tiroteio, acidentalmente alvejou o pai de minha doce inimiga. Fui no enterro, por uma questão de consideração, e a despeito da briga recente. Aconteceu no cemitério do Sabóó, exatos dezoito anos depois do dia em que encontrei a Sandra, e nove meses do dia em que mataram o Venta-de-Boi. Foi este o penúltimo dia em que a vi. Há quem creia em coincidência, e até eu mesmo creditaria em tal conta o fato, não fosse ter visto acompanhar o féretro do Bigode ninguém menos que o Venta-de-Boi e o Zé Caju, redivivos, fitavam-me de longe. Travei, impossibilitado de gritar ou denunciá-los naquela fúnebre cerimônia. Fiz orações e tributei meus respeitos a este fato, que interpretei como de sinal divino. Depois de outros nove meses, a Sandra foi quem morreu, vinha perdendo peso e cabelos. Envolvido naquela lama, julgava muita sorte não ter sido contaminado. Hora de parar. Recusou tratamento, que então já existia. Não fui visitá-la, pagando meu tributo ao medo e escapando de comentários – vai que me julgassem contaminado. Uma vez morta, também não fui ao enterro – fobia, dela e do Sabóó.

Depois disto a vida deslanchou. Moro aqui no Gonzaga, nem conheço meus vizinhos. Passo pelo Casqueiro todo dia pra trabalhar na Companhia, em Cubatão, mas batido. Sou um engenheiro considerado no meio – ao menos entre a chefia. Os comandados têm certa reserva comigo – na dividida, vejo meu

lado. Faço minha oração diariamente pelos mortos na tragédia da Vila Socó, na ida e na volta. Sinto compaixão por estas vítimas da miséria da qual escapei. Dei sorte na vida.

No dia 27 de dezembro de 2009, voltava da companhia, de carro, para casa. Havia um dos tradicionais congestionamentos na entrada da cidade, devido a um acidente em frente ao Parque Maria Patrícia. Entrei, para tomar atalhos, pelas ruas laterais do bairro Chico de Paula, passei por trás do Instituto Médico Legal, vim cortando por entre conjuntos residenciais até os fundos do cemitério. Nunca tinha andado por ali. Pensava que por detrás houvesse um acesso ao Morro do Saboó, e dali de volta à pista. Engano: o fim da rua de trás do cemitério dá-se numa parede. Fiquei parado, entre a frente de umas casas antigas e os fundos das carneiras, uns cinco andares de mortos deitados. Frente a esta parede branca, entre o limo da caiação dos fundos do cemitério e a porta de uma casa que limitava direto com a rua foi que eu vi os quatro conversando animadamente: os Pedros, Venta-de-Boi e Bigode. Ao lado deles tomava parte no assunto o Zé Caju, um bosta. Mais que tudo isso, ali estava também a Sandra, de shortinho e aparelho no dente, e dava um jeito de esfregar a bunda meio sem querer na cintura do Zé Caju. Saí dali de marcha à ré e nunca contei isso a ninguém, pra não pagar de louco. Vinte e sete anos passados, três vezes nove os fatos sucedendo. Quem quiser jogue na conta do imponderável, ou diga que são coincidências. Para mim, há uma orquestração.

Triálogo ou Dissertação sobre a Psiquê

Lo-Ruama Lóring Bastos &
Jean Pierre Chauvin

*O que é o eu, senão uma coisa que o sujeito primeiro
experimenta como estranha no interior dele mesmo?
(O Mito Individual do Neurótico, Jacques Lacan)*

Certa feita, quando Erasmo Roto estava entre a vigília e o sono, pareceu-lhe escutar vozes nos recônditos da sala de estar. A princípio, eram surdas, dispersas, quase sumidas. Mas, à certa altura, reparando melhor, suspeitava que elas não chegavam do vizinho que morava no apartamento número 44; nem do saguão que levava aos elevadores; tampouco das crianças a brincar no pátio do edifício. Achou aquela situação insólita, mas abandonando o território da vigília, e à beira do mundo onírico, era perfeitamente possível que o fenômeno tivesse sua razão de ser.

Em dado momento, assistindo a imagens serem feitas e desfeitas, passou a distinguir as falas. Aquele zum-zum-zum, que primeiro soara como ruído indistinto, tomou novo colorido e tom. Era possível, sim, era possível, distinguir duas.... não; três... três vozes! Era isso! Erasmo notou que se tratava não de um diálogo, mas de um “triálogo”. É bem verdade que o termo ainda não foi

dicionarizado (estamos em 2020 d. C.); mas, a leitora, o leitor, pouparão o arroubo literário a este narrador que apresenta relato tão impressionante.

Onde parei? Ah, sim... Como dizia, Erasmo Roto, nosso protagonista, estava a descansar em seu apartamento de um dormitório, com a percepção vaga e oscilatória das coisas (buzinas, temperos, anúncios do carro de som, o nhec-nhec da máquina de lavar), quando as vozes se puseram a discorrer. É certo que a reconstituição do evento será um tanto imprecisa; mas creditemos ao sujeito a primazia do testemunho que chegou até mim.

Pelo visto, a discussão entre os entes já tinha avançado um pouco, pois falava o Ego, em tom semicontrolado e amenizador:

- como lhes dizia, somos amigos e rivais, ao mesmo tempo.
- Nisso, tenho total acordo – concordou o Superego.
- Sim, isso é ponto pacífico – reiterou o Id.

Para surpresa de Erasmo, Id, Ego e Superego emudeceram ao mesmo tempo: pareciam ter ensaiado aquela calma súbita. Naquele intervalo em quietude, a Consciência, num lapso otimista, cultivava uma brecha de esperança que permitisse entender o que discutiam aquelas personagens brotadas da psiquê. O sujeito, dorme, não-dorme, esforçava por distinguir o que se passava. Primeiro, associou o repentino calar das vozes a alguma distração que pudesse ter tido, sem se dar conta. Não encontrando resposta, entendeu por bem aguardar um pouco mais até que as vozes tornassem a ocupar a sua noite solitária.

Cessada a palestra, Erasmo se ressentia de um vazio incomum. Ele reconhecia os meandros daquela situação extraordinária, pois era versado nesses sombrios silêncios de cisternas abandonadas. Sabia que, qualquer que fosse o tempo de espera, não haveria possibilidade de fuga, nem de enfrentamento. O ato de não pensar residia no improvável, e não lhe cabia mais denegar, tampouco certificar o fenômeno. Decidiu-se: não desviaria para outras questões; investigaria as razões para aquele mutismo das vozes dentro do silêncio do cômodo.

O leitor, a leitora, não se espante. Erasmo era um sujeito até certo ponto interessante e, muito embora tivesse bons amigos e transitasse com destreza social e competente no campo profissional, tinha que se haver cotidianamente com uma vida solitária, seguida por dolorosa e frustrante coleção de frágeis e ligeiras relações amorosas. Enfrentar a si mesmo estava longe de ser a sua maior habilidade. Ao contrário, essa era uma empreitada que ele desempenhava quase nunca.

Imerso no limbo provocado pelo silêncio das vozes, Erasmo voltou-se para si mesmo. Algo lhe dizia que aquelas vozes haviam iniciado uma expedição para a qual não fora convidado. Por isso mesmo, não atinava para o motivo de terem interrompido o triálogo e emudecido. Foi durante breves segundos (sem fim) que ele se sentiu atravessado por pensamentos psicodélicos, como aqueles vislumbráveis nos sonhos em que vivenciamos situações quase inexplicáveis: uma viagem de avião sobre feudos; aquele almoço de domingo na casa do vizinho do chefe; o grito mudo enquanto se atirasse do décimo andar; o choro ao sepultar um perfeito desconhecido; a professora de infância que nunca envelhecera; o desejo por uma linda mulher de botas no metrô, com olhos tristes, desses de despedida, irresistíveis, que o devassaram em uma incontrolável vontade libidínica de tomá-la....

Esses sentimentos alternados de plenitude e abismo, tão inexplicáveis, tão imponderáveis, tragavam a Consciência de Erasmo. Decerto, era a Pré-Consciência que reivindicava seu posto, escoando as sobras de racionalidade por devaneios. Mas, eis que os sons voltavam, ora fortes, ora abafados... As vozes iam e vinham lentamente, entre falas e sussurros. Aparentemente, era o Ego que detinha a palavra:

– Fico feliz com o consenso a que chegamos. Vocês devem entender que a nossa sobrevivência depende de um equilíbrio entre mim e vocês.

– “Vocês e eu”, protestou o Superego. A ordem dos pronomes na sentença diz muito sobre seu modo egocentrado de ser. Quanto mim, somente acho que não adianta postular uma obviedade

dessas, sem que haja a formulação de regras, claramente definidas, para quando “alguém” não as cumprir, podermos aplicar a devida censura e punição – admoestou.

– Se vai impor normas e culpas, não vejo problema algum em concordar, desde que não comprometa os meus desejos e prazeres, disse o Id.

Falando entre os dentes, para não criar mais conflitos, o Ego tentava reelaborar e organizar as ideias para se equilibrar entre a razão e a emoção.

– Mas como fazer duas mulas infladas e vaidosas cederem o violento cabo de guerra de razões e pulsões, de maneira a construírem uma convivência saudável?

Erasmus se assustou com a terminologia empregada pelo Ego. Quase deixou o estágio do sono, mas algo o impedia de alcançar o estado de vigília. O Ego prosseguia:

– Escutem. Penso que se há um meio-termo nessa relação, há de haver equilíbrio nas pressões que vocês dois fazem sobre mim.... – porém, ele foi bruscamente interrompido pelo colérico Id:

– Ah! valham minhas pulsões... Como você reclama! Nunca nada está bom! Você tira a coleira e coloca a focinheira.

– Quem é você, para falar de contentamento? – acusou o Superego. Quando foi que você dormiu satisfeito com alguma coisa? O descontentamento do Ego é culpa sua. Você não respeita o princípio de realidade. Você não tem freio!

– E quem liga para contentamento, limites e regras, quando se vive uma existência tão breve? – replicou o Id. Se não fosse por mim, o Ego jamais teria alguma energia, sequer espontaneidade. Estar fadado à dor, ao desprazer não me parece uma escolha inteligente, da qual vocês dois tanto se gabam em viver.

– Saiba que esses códigos morais livram o Ego das impulsivas situações que você arma para ele, dia após dia!, treplicou o Superego.

– Pois eu quero mais é satisfazer os desejos! Coisa que inclusive até você tem, Superego. Tudo bem que seus desejos são

os mais desprezíveis e danosos; mas o que posso fazer se o seu tesão está “no que não pode”?

– Seu cretino hedonista!

– Oh, Super Senhor da Moral... Quantas vezes preciso dizer que não dou a mínima pra isso! E se não fosse você, com esse seu levítico coercitivo, os Egos da vida seriam menos infelizes; sentiriam menor dose de culpa.

– Esse seu despreparo em lidar com a realidade... quanta inconsequência. Você nunca terá discernimento: nunca saberá da razão de ser.

– Esse seu limbo moral, que você cultua e defende, é todo forjado com determinações limitantes, trágic...

Retrucava o Id, quando em um salto dicotômico entre a sensatez e o desespero, o Ego interrompeu aquela zanga de vaidades e se dirigiu a eles como quem buscasse tolerância. Antes de intervir na querela, respirou fundo:

– Sinto-me constrangido, quando participo de discussões como essa. Vocês dois prezam mais disparar suas razões e desrazões do que em ouvir o outro. A empatia parece não fazer parte do seu repertório. Você, Superego, que vive a repetir o maior clichê dos relacionamentos (“não fazer com o outro o que eu não gostaria que fizessem comigo”), age assim com a desculpa de me proteger das sanções coletivas, tão somente....

Autocontrolado, o Superego o interrompeu:

– Não confund...

Vaidoso, o Ego não admitiria ser interpelado:

– Eu ainda não terminei! A todo tempo você coíbe meu comportamento e nunca me pergunta se é o melhor para mim. Seu legalismo-moral-literal está me destruindo. Há dias em que eu mal paro em pé. É tanta carga, é tanta culpa.... Se não fosse o... (então, o Id o interrompeu):

– Se não fosse eu, voc...

– Id, a sua vez de se posicionar também chegará; então, deixe-me terminar! A questão é: ou nos acertamos com ponderação e equilíbrio, ou seremos tomados pela insatisfação um em relação ao

outro, até que nenhum dos três tenha condições orgânicas de prosseguir, com alguma dignidade e prazer.

“Silenciaram?! De novo? Não é possível”, pensou Erasmo.

Foi então que algo ainda mais extraordinário aconteceu... O rapaz escutava a si mesmo lamentar o apagamento das vozes, quando se deu conta de que os entes retornaram. De algum modo, ele interferira no debate entre Id, Ego e Superego. O Ego foi o primeiro a lhe estender o convite:

– E o senhor, não gostaria de se somar a essa produtiva discussão?

A princípio, julgou não ter escutado direito. Esfregou os olhos, mexeu na orelha direita e arriscou:

– E-e-eu?

– Sim!, reforçou o Ego.

– Mas não faz qualquer sentido eu conversar com vocês. Onde já se viu um corpo dialogar com entidade psíquicas que, teoricamente, estão dentro da mente?

– Não questione os meios, sugeriu o Id.

– Talvez não haja como mensurar isso, sentenciou o Superego.

Após ligeira pausa, Erasmo Roto pareceu mais decidido:

– Pois, muito bem! Eu gostaria de tirar uma dúvida com vocês.

– É claro! Responderam Id, Ego e Superego em raro acordo.

– É uma pergunta estúpida, de gente leiga que sou. Vão me perdo...

– Ah, deixe de modéstia!, disse o Ego.

– Ora, arrisque-se!, incentivou o Id.

– Mas, não exagere na medida!, recomendou o Superego.

– Está bem, está bem! Vocês venceram. – Erasmo contorcia os dedos.

Então, disparou:

– Quem controla o Superego?

O vozerio se levantou. Id e Ego gargalhavam, dizendo: “Essa é boa! Responda, se for capaz, Superego! HaHaha”. O Superego ameaçou responder. Entretanto, como era de seu feitio, controlou a si mesmo com o rigor que lhe era peculiar. Temendo ter provocado

qualquer mal-estar, Erasmo Roto suplicou que não se incomodassem com a pergunta. Não passava de divertimento, forma de tomar parte do Triálogo...

Não se sabe quanto tempo se passou. O fato é que, um toc-toc-toc reverberou entre a cozinha e a saleta. Assustado, o rapaz passou a manga do moletom para enxugar a saliva; coçou os olhos e se recordou do sonho esquisito que tivera. Riu a quota esperada e se dirigiu, cambaleando de sono, em direção à porta.

Posicionou o olho esquerdo no olho mágico. Não havia ninguém.

– Olá? Olá? Quem está aí?

Destrancou a porta e a abriu. Não havia nada. “Deve ter sido brincadeira do filho do vizinho do 42... Ah, essas crianças...”

Somente quando já encostava a porta do apartamento é que reparou no objeto sobre o capacho. “Que será isso?”

Abriu, avidamente, o envelope vermelho. Ele continha um bilhete. E estava assinado!

“Senhor Erasmo Roto,

Um senhor de nome estranho queria falar com o senhor. Como não atendeu ao interfone, achei melhor avisá-lo que há um pacote na portaria do edifício”.

Curioso por saber quem teria estado no prédio, ligou para o zelador:

– Seu Zé, tudo bem? Acabei de receber o seu bilhete...

– Ah, oi Senhor Erasmo!

– Não sei se entendi direito. Você disse que um sujeito queria falar comigo? Já foi embora, imagino...

– Ah, sim. Ele pediu para não insistir, sob o perigo de incomodá-lo. Deixou um grande pacote e foi embora, abanando o chapéu.

– Não quero ser abusado, mas poderia me dizer o ele me deixou?

– Deixa ver... É pesado. Parece ser um livro volumoso....

– Um livro?! Qual o título?

- Acho que está escrito em duas línguas.... não sei como pronunciar.... (o zelador soletrou: *D-i-e T-r-a-u-m-d-e-u-t-u-n-g*).
- *A Interpretação dos Sonhos?* É isso?!
- Sim! Isso mesmo!
- Que estranho.... Não estava esperando por isso. Não fiz nenhuma, encomenda recentemente.
- Bem, o livro está aqui. Quando puder buscar...
- Você já tinha visto?
- O quê? O livro?
- Não. O sujeito que deixou o envelope...
- Nunca! Mas posso lhe dizer que era um tipo discreto. Usava bengala e cartola...
- Bengala e cartola?! Como ele se chamava? Ele disse seu nome?
- Ah, não entendi direito. Devia ser estrangeiro....
- Estrangeiro?!
- Sim. Acho que ele se apresentou como Zigmunde Frrroid.

Olhos escarlates

Cleber V. A. Felipe

Na manhã do dia vinte e oito de outubro, Matias aguardava minha chegada próximo ao cais. Depois de uma reverência jocosa e de um abraço desajeitado, ele contou sobre um evento que ocorreria na quinta-feira, em homenagem aos mortos vitimados pelo terramoto de Lisboa. “Espero que, dessa vez, não haja tremores, ondas ou incêndios”, comentou com expressão agourenta. Antes que eu pudesse dizer algo, ele me conduziu em direção a um homem bronzeado de olhar grave, que acompanhava a reforma de um baleeiro. “Este é o marinheiro toscano que mencionei na última missiva”. Quando notou nossa presença, ele se apressou em estender a mão calejada de quem sempre desempenhou ofícios penosos. Lembrei que meu avô dizia que o aperto de mão adianta o caráter de um homem. Ele teria gostado de Giovanni. “Uma garrafa de vinho do Porto nos aguarda. Apressemos-nos!”, comunicou meu velho amigo.

Um cocheiro nos aguardava à saída do porto. Como era costumeiro, Matias principiou uma arenga interminável sobre política, enaltecendo o legado do Marquês de Pombal. Com frequência, retirava do bolso um lenço carmesim para limpar o suor que escorria pelas têmporas. Depois de dez minutos, os cavalos diminuíram o passo e seguimos rumo à sua mansão. Durante o

banquete, fiquei entusiasmado ao descobrir que o marinheiro possuía um papiro e uma relíquia, presumivelmente, do tempo dos faraós. A curiosidade de um antiquário dilata-se por muito menos.

Fui visitá-lo no dia seguinte. Giovanni fumava distraído do lado de fora de uma pequena casa de pau a pique, situada a alguns quilômetros do litoral. Ao notar minha presença, acenou com a mão, pedindo-me para segui-lo. Como o dia estava fresco, aceitei o convite com prazer. Na maior parte do trajeto, permanecemos em silêncio, a observar os transeuntes com seus afazeres cotidianos. O oceano despontou à direita, no exato momento em que iniciamos um itinerário íngreme. Quando alcançamos o topo de uma colina irregular, estávamos ofegantes. Do alto, o cenário causava um misto de deleite e pavor, com o sol espalhando seus tímidos fochos de luz sobre a imensidão azul. O vento sibilava ao chocar-se contra as rochas e, à esquerda de Giovanni, pude distinguir um grande penedo afastado da praia, imponente como o gigante Adamastor. O oceano lançava ondas furiosas contra suas bases, produzindo uma grande parede de espuma. Parecia um titã a caminhar em águas profundas.

Com porte sempre altivo, meu novo companheiro talvez somasse cinquenta anos, mas os olhos denunciavam uma experiência centenária. Depois de alisar a barba e pentear os bigodes com os dedos, as palavras ganharam forma: “Em uma manhã de outubro, a bordo de um navio de três mastros, cantarolávamos versos desafinados ao desempenhar nossas funções. Repentinamente, uma ventania trouxe consigo nuvens densas e infladas. O capitão ordenou o recolhimento das velas, mas o vendaval ganhou força e trouxe a vela da mezena antes que pudéssemos socorrê-la. Uma sucessão de ondas varreu o convés e destruiu parte da amurada a estibordo. A gávea cedeu e tombou com um marinheiro empoleirado nela. Seus gritos ainda ecoam em meus pesadelos.

“No dia seguinte, o temporal continuava a nos castigar sem trégua. Conseguíamos distinguir o uivar dos ventos e o protesto gutural dos trovões. A procela supliciou o navio, surrou nossos corpos e abalou o ânimo de todos. A ventania duplicou seu vigor e o sol foi encoberto por nuvens negras. Sem o capitão, abatido pelo escorbuto, agíamos de forma desordenada: alguns se agarraram ao mastro central e outros tentaram, sem sucesso, lançar fora a água que alagava o convés”. Quando se voltou para mim, seu olhar havia perdido o vigor, tornando-se embaçado e vazio.

“Uma onda suspendeu o navio e, em seguida, preparou uma cova para enterrá-lo. Todos nós nos agarramos à embarcação para resistir ao impacto, mas o tempo parecia ter cessado. O silêncio repentino causava pavor, talvez pelo contraste com os ruídos ensurdecedores de há pouco. Quando, depois de um intervalo que pareceu interminável, o navio finalmente singrou rumo ao despenhadeiro, o caminho parecia conduzir à depressão mais profunda. Nesse momento, um impacto de outra onda atingiu em cheio a proa. O abalo, no fim das contas, amorteceu nossa queda, mas inutilizou a embarcação. A nau estava suspensa na encosta de uma ilha que desconhecíamos. Após o naufrágio, os oito marinheiros remanescentes resolveram explorar o local.

“Após vencermos uma trilha ladeada por árvores frondosas, avistamos um pequeno lago cristalino que serpenteava pelas bases da montanha. Buscamos o conforto do bosque e o amparo das sombras dos carvalhos para recompor as energias. Não saberia dizer quanto tempo permanecemos ali, pois um grande tremor de terra interrompeu nosso descanso. Enquanto buscávamos abrigo, testemunhamos a insólita e repentina abertura de uma fenda no promontório, formada por uma cavidade estreita e profunda. Passado o tremor, começamos a vasculhar a caverna. Ao acompanhar suas paredes internas, descobrimos, no limite do túnel, um baú. Depois de abri-lo, com dificuldade, encontramos apenas um rolo de papéis antigos e um objeto revestido em couro. Passada a frustração, desatamos o cordão que envolvia o embrulho e a lâmina de um belo machado reluziu na escuridão.

“O contramestre entregou-me os papéis com cheiro de antiguidade. Cada uma de suas páginas esboçava um cenário diferente, mas todas retratavam um mundo imerso em trevas e uma barca, singrando com uma pequena comitiva. Algumas personagens eram híbridas, com partes humanas e membros animais. À sua passagem, criaturas disformes espreitavam, buscando oportunidade para desferir um ataque letal.

“Perdemos o interesse no material ao sentir um novo tremor sob nossos pés. Outra fenda se abriu, dessa vez no interior do túnel recém-formado. A abertura, vertical, alcançava uma profundidade cujos limites permaneciam velados pelas trevas. O abalo não foi muito duradouro e, sem demora, tateamos o escuro em busca da saída. Entretanto, um ruído suspendeu a fuga. Foi quando notamos, no fundo da caverna, nas adjacências do abismo que acabara de se revelar, um par de rubis suspenso no ar. Ficamos todos inquietos com aquele brilho escarlate. Da escuridão irrompeu, em seguida, um rosnado cruel. A iluminação precária não nos deixava divisar sua fonte.

“Quando o piloto foi arrastado para as sombras, pudemos divisar uma silhueta, formada quando a poeira que se desprendia do teto denunciava os contornos de um corpo volumoso, sustentado sobre quatro patas. Os rubis suspensos eram olhos que perscrutavam sua caça. A criatura se esgueirou para perto do pequeno grupo de marinheiros e, naquele instante, notei que sua pele, coberta de pelos eriçados, proporcionava uma excelente camuflagem. Apenas o brilho sinistro dos seus olhos e os dentes, arreganhados de forma ameaçadora, entregavam sua posição. Quatro tripulantes foram dizimados em instantes; os outros correram. Não sei por que permaneci ali, com o papiro e o machado sob o braço. Por sorte, meus dedos distinguiram um pequeno artefato, atado ao rolo de pergaminhos. Um impulso inexplicável me levou a erguê-lo. A pequena adaga reluziu timidamente e a criatura, a poucos metros, emitiu um ruído agudo e tentou se ocultar nas trevas. Impelido pela reviravolta, avancei contra ela,

mantendo o talismã sempre em riste. Antes que pudesse confrontá-la, ela regressou à caverna de onde surgiu.

“Quando alcancei o litoral, encontrei destroços do madeirame do navio. O refluxo das águas, animado pelo terramoto, carregou consigo as outras partes. Com a jangada improvisada, pude alcançar a costa portuguesa. Fatigado, deitei-me na areia da praia e lamentei pela vida dos companheiros”.

Notei que Giovanni olhava para o promontório/Adamastor e compreendi o motivo de ter me levado até ali. “Desde então, nunca mais deixei o pequeno amuleto”, ele afirmou, revelando o estranho objeto pendurado em uma corrente. Depois, retirou o maço de papéis de uma pequena mochila. Quando eu o abri, o velho italiano lançou o talismã em meu colo. Eu experimentava um misto de horror e incredulidade. Adivinhando meus pensamentos, ele perguntou se poderia contar com a minha ajuda. Assenti sem saber com que estava concordando. Giovanni sorriu, satisfeito: “Nesse caso, continuaremos nossa conversa pela manhã”. Antes que pudéssemos descer pela encosta, ouvi um uivo abafado e sinistro. Viera do promontório?

Com o manuscrito e o amuleto na mochila, cheguei à casa de Matias acompanhado pelo anoitecer. Uma lua minguante melancólica iluminava palidamente o céu, privado de estrelas.

Mal consegui comer e não pude dormir. Os cochilos intermitentes eram interrompidos por pesadelos envolvendo feras mitológicas e papiros antigos. Em meio ao silêncio da madrugada e acometido pela insônia, resolvi iniciar a tradução do material que me foi confiado.

Depois de estudá-las, as ilustrações ficaram mais nítidas: a barca solar era capitaneada pelo deus Rá, que transitava pelo mundo dos mortos acompanhado por uma comitiva de divindades e faraós. Durante as doze horas noturnas, quando o sol iluminava o submundo, os tripulantes enfrentavam entidades malignas, que

espreitavam na escuridão subterrânea. Eram seres desgarrados, filhos do caos. O manuscrito mencionava um cão negro de olhos rubros que Sokar utilizava para punir seus inimigos. Anuket, deusa do Nilo, parecia intimidá-lo. Possivelmente, a criatura vivia isolada no promontório porque as águas impediam sua fuga. Hoje, ao rememorar o ocorrido, desconheço o motivo de ter levado a sério uma estória tão insólita.

Na última página do manuscrito, encontrei duas inscrições: “Os bons renascerão e os maus continuarão encerrados nos confins de Osíris enquanto Maat prevalecer”. A outra, mais enigmática, parecia conter a resolução do problema que me afligia: “Se o mau o dia habitar, somente o julgamento será capaz de contê-lo e devolvê-lo”. Lembrei-me de um papiro funerário que havia compilado na biblioteca de Paris. Depois de analisá-lo, notei que não ensinava a enviar criaturas para o além, mas discorria sobre como o morto deveria proceder para completar seu itinerário póstumo. Uma passagem assegurava que pronunciar o nome de uma divindade poderia subjugar-la. Seria possível fazer o mesmo com uma criatura maligna? Outro fragmento dizia que o morto, caso tivesse usufruído de uma vida pecaminosa, seria condenado a uma segunda morte, de caráter definitivo. Foi nesse momento que uma ideia lampejou: se o nome pudesse fragilizar aquela animália, não haveria uma maneira de fazer com que voltasse para o lugar de onde veio?

Na manhã seguinte, Giovanni e eu resolvemos alugar uma pequena jangada para sondar o local. Deixei um bilhete com o cocheiro de Matias, comunicando nosso paradeiro. Meu companheiro, que carregava consigo uma mochila longa e pesada, informou ao piloto o destino. Não pude deixar de considerar o perigo no qual nos metíamos. O fato é que não suportaríamos conviver com o perigo que espreitava. A barca alcançou a encosta e pedi ao jangadeiro que regressasse em trinta minutos.

A ilha era pequena e, do solo árido, brotavam ciprestes e carvalhos sem folhagem. Seus galhos tortuosos, que ora pareciam medir forças, ora distribuir abraços fraternais, formavam um túnel mal iluminado. Ao final dele, as águas escuras e pantanosas de um lago moviam-se languidamente. O ar permanecia imóvel e uma névoa densa ocultava as bases estéreis do promontório. Giovanni afirmou que, à época do naufrágio, o local não ostentava tamanha desolação. Antes que pudesse considerar uma retirada, o deslocar da cerração, um ulular abafado e o estalar de galhos denunciaram a presença de um forasteiro.

Ao contemplar os olhos cor de rubi pela primeira vez, estremei. As mãos, hesitantes, tentavam encontrar a página com as inscrições. Giovanni, por sua vez, desembrolhou seu machado e acompanhou seu oponente com um olhar de lince. Como a arma era pesada, para colher bons resultados, o golpe deveria ser perfeito. A poucos metros da criatura, pudemos divisar sua aparência: tinha a cabeça levemente desfigurada, com cicatrizes antigas. Não pude deixar de imaginar qual teria sido a reação de Hércules, ao capturar Cérbero no submundo.

Quando o inimigo investiu em nossa direção, meu companheiro girou o machado com destreza. O ataque de Giovanni não foi certo e a bocarra do animal alcançou seu braço. Estirado no chão, meu amigo resistia às investidas e tentava revidar. Quanto proferi, pela primeira vez, o nome “Malik”, a voz saiu vacilante, baixa. Ao repetir, dessa vez com mais vigor, ouvi um grunhido abafado e percebi seu olhar hesitante. Repeti o encantamento que os egípcios utilizavam para repelir a serpente Apepi: “Recua! Segue apartado! Que o rio subterrâneo abata seu ka! Afasta-te da barca solar. É tempo de Maat fazer justiça. Que o olho de Rá seja testemunha! Recua!”.

Malik pulava de um lado para o outro; ora avançava alguns passos com investidas ameaçadoras, ora abaixava a cabeça e guinchava, como a implorar o fim daquele suplício. Quando terminei a última frase, o animal saltou em minha direção. O bote foi veloz, mas, antes que me alcançasse, notei o brilho de um

machado girando e atingindo seu dorso. A lâmina ficou cravada e, repentinamente, ao som de guinchos horrendos, o chão estremeceu e uma pequena cavidade se abriu no solo, revelando uma luz pálida e o odor putrefato de miasmas. Em seguida, uma pena branca foi lançada dessa fissura e caiu sob meus pés. “O símbolo de Maat”, pensei. Quando a peguei, ela adquiriu uma coloração dourada e o amuleto voltou a brilhar, dessa vez com intensidade indescritível. Temporariamente ofuscado, não consegui entender por que a criatura gemia. Antes de ser subjugada por uma sombra, que portava um amuleto idêntico ao meu, ela agarrara meu amigo pela perna. Nada pude fazer antes de vê-lo desaparecer. Apesar do desfecho trágico, ele conseguiu, com bravura singular, vingar os antigos companheiros. A despeito da experiência sobrenatural, seu olhar derradeiro transmitia serenidade e decisão.

Voltei para a encosta e o barco me aguardava. Observando minha palidez, o jangadeiro perguntou pelo meu amigo. Não consegui converter, de imediato, a experiência em palavras. Quando encarei meu interlocutor, notei que seus olhos fitavam uma mancha de sangue em minha camisa. Seus movimentos adquiriram rapidez e não disse mais nenhuma palavra. Como a verdade seria terrificante, preferi seguir o exemplo. Durante o desembarque, antes que pudesse pagá-lo, ele partiu às pressas e foi engolido pela cerração que cobria o vasto oceano. Aproveitei que estava sozinho para atirar e ver submergir a relíquia que assegurou o confinamento daquela animália.

Meus anfitriões esqueceram a lareira acesa, o que facilitou o descarte das roupas sujas. Apesar dos pensamentos confusos e incessantes, dormi pesadamente. Despertei, com um sobressalto, às sete e meia. Desci as escadas e encontrei Matias sentado próximo à lareira, a folhear um livro. Ao notar minha presença, gracejou: “Pelo jeito, angariou a tão ansiada relíquia, não? Alguém a deixou na soleira, mas coloquei sobre a mesa”. Quando meus olhos

encontraram aquela pena dourada a reluzir, recuei dois passos. “Se não te apetece, posso ficar com ela”, ele brincou. “Mat ficou encantada! Comentou que o artefato lembrava uma flor dourada que Eneias utilizou para descer ao mundo dos mortos”. “Um ramo de ouro”, retruquei. “Ah, então esse é o seu plano? Se quiser, leve Matelda! Conhece bem o latim e sabe tudo a respeito do sobrenatural. Espero que não encontrem por lá o cachorrinho do Hades”. Matias sorria, com ar zombeteiro. Ao passar do meu lado, deixou sobre a mesa seu exemplar da *Eneida*, o livro que fingia ler. “Mas isso nada tem que ver com o Egito”, comentei entre dentes. “Posso não ser um grande estudioso”, afiançou meu amigo, “mas o Mediterrâneo não proporcionou, desde tempos antigos, encontros entre culturas? Por falar nisso”, acrescentou, “o memorial começará em uma hora”.

Eu precisava colocar em ordem meus pensamentos. Subi as escadarias, pronto para aquietar os ânimos, mas encontrei, sobre meu travesseiro, o amuleto que arremessara ao oceano.

Portugal, primavera de 1856.

Post Scriptum

Alguns dias após o incidente, procurei um parente de Giovanni para relatar o ocorrido. Ao entrar em sua casa, notei que ele vivia precariamente. Afora algumas roupas surradas e a mobília em ruínas, havia um maço de cartas sob o colchão. A primeira carta foi remetida em agosto de 1755 e o destinatário era “Giovanni Ricci”. Seria um parente? Por que preservar a correspondência de um antepassado? A segunda, escrita em 1756 e dirigida à mesma pessoa, lamentava o terremoto e perguntava pelo bem estar dos lisboetas e dos naufragos. Antes que eu pudesse continuar a leitura, interpôs-se aquele olhar centenário do marinheiro, a mirar o horizonte. Seria possível? Quando minha mão envolveu, com força, o amuleto que carregava no pescoço, não pude deixar de estremecer, imaginando os mistérios que ignorava e as forças cósmicas contra as quais manifestamos nossa absoluta impotência.

A Casa do Ontem

Carolina Mancini

Pés descalços mergulhados na água esverdeada. Mente confusa buscando vestígios na memória. Como eu fui parar naquele lugar?

O pequeno hotel, perdido na periferia de uma cidade grande, também não fazia sentido. Era um lugar nenhum, um lugar do nada, cujos móveis descascados pelo tempo eram só restos de outras histórias: possivelmente uma tia de alguém, um avô de alguém, um pedaço de passado de uma família... Era só olhar durante dois segundos para a colcha, provavelmente ganhada de herança, sobre uma cama comprada em uma loja de magazine, que qualquer um notaria como era improvável aquela decoração. Até o abajur laranja, com rendas bregas, parecia ter sua própria história: antes detestado por alguém, serviu de presente para uma pessoa pouco querida e então, foi parar ali, assim, perdido e empurrado até o fim do mundo como eu.

Suspirei.

A cortina também era muito curta para aquela parede ainda que a barra tivesse sido desfeita, o que notei graças à faixa desbotada que indicava seus anos raspando no chão.

Tudo era esquisito, desde a entrada ornamentada pelas colunas à moda grega cujos arranjos imitavam flores. A porta de ferro

segurava vitrais coloridos, a escada em mosaico fora revestida de azulejos azuis. Uma bagunça. Uma confusão. Um quebra-cabeças novo, feito com peças de quebra-cabeças velhos, impossíveis de serem montadas, apenas um quadro curioso de se olhar.

Voltando aos meus aposentos, ainda havia o banheiro para desbravar. Igualmente esquisito, era maior que o normal e me fazia lembrar dos antigos apartamentos do centro da cidade, com lavabos enormes, verdadeiros quartos em que cabiam até um sofá. O chão era revestido por caquinhos vermelhos, um piso muito conhecido da cidade, e apesar de haver uma banheira ali, e uma pia de louça sobre um balcão de madeira, a cortina de plástico e o aparador da escova de dentes, preso na parede, formavam a pintura sem sentido do aposento bastante brega. Havia um sol estupidamente quente do lado de fora, e olhar para seus raios invadindo o aposento, me fez perceber que ainda estava com as roupas da rua, suada e exausta.

Conferi as horas no celular que retirei do bolso da calça, e achei melhor, primeiro, almoçar, ou perderia o horário da refeição servida no salão.

Lavei o rosto e troquei de roupa. Deixando a calça jeans de lado, coloquei um vestidinho refrescante. O celular depusitei em uma bolsinha menor, junto com as chaves do quarto e rapidamente, três lances de escadas abaixo, lá estava eu, pronta para devorar minha primeira refeição digna do dia... Talvez até da semana

— Não importa a profundidade, todo lago tem bordas. É nisso que você deveria estar pensando.

— Mas se você não souber nadar, isso não vai mais importar, você entende?

— Ora, veja só... Todo mundo sabe nadar. É intuitivo.

— Deixe de bobeira...

— Aqui funciona assim. E sabendo que tem borda, é só continuar nadando, até sair dessa grade bagunça.

E lá se foi toda a minha dignidade. Distraída, ouvindo a conversa alheia das duas senhoras próximas a mim, esbarrei no

copo de suco e fiz um tsunami, enxarcando a toalha e molhando a blusa de uma delas.

— Desculpe. Nossa, realmente me desculpem.

Fui logo dizendo, enquanto erguia o copo e tentava secar a toalha para impedir que a bebida continuasse escorrendo no chão.

Ambas me olharam com surpresa e depois sorriram. Como verdadeiras irmãs de alma, eram um pouco parecidas. Tinham os cabelos curtos e brancos além de certa sagacidade no semblante. Uma delas, que falava sobre as bordas do lago, usava um vestido neutro, em tons de marrom, e óculos redondos. A outra, de blusa florida e bermuda de linho azul, usava óculos em formato de gatinho e um colar de girassol.

— Ora, fique tranquila. Veja só — disse a senhora de blusa florida apontando para si mesma —, já secou. Esse calor não perdoa nada.

Enquanto eu concordava com a cabeça, notei que elas estavam um pouco alegres demais por conta da garrafa de vinho vazia sobre a mesa e as duas taças, também vazias, apenas com o fundo manchado pela bebida.

Como se surgisse do nada, um funcionário jovem se aproximou e secou o chão. Eu pedi desculpas mais umas mil vezes, parando apenas quando ele se retirou, avisando que traria outro suco. Sem ter mais o que fazer, agradei e me voltei para as senhoras *do vinho*, que, para minha surpresa, já haviam levantado e deixado a mesa. Olhei em volta por instinto e as vi próximas à porta lateral que dava para o jardim: quase acreditei que a senhora da blusa florida piscara para mim.

O jardim para descanso era um emaranhado de *qualquer coisa* com um toque de *quanto mais colorido melhor*, ainda que fosse a única parte que fazia algum sentido pra mim. Havia pufes feitos com pneus velhos e almofadas de tecidos vibrantes, redes em algumas árvores, bancos feitos de antigos móveis e caminhos no chão, como mosaicos de pisos velhos. As paredes haviam sido pintadas de azul royal que, graças a minha provável embriaguez advinda da

caipirinha de saquê, me pareciam de um azul tão vibrante que desejavam se confundir com o céu.

Tentando relaxar e sentindo o suor escorrer como o gelo por fora do copo que eu segurava, achei bom me afundar em um dos pufes, onde aproveitaria a sombra de uma árvore. No local escolhido, o piso de caquinhos me remeteu à estrada de tijolos amarelos, e não me contive em bater os calcanhares das sandálias assim que afundei na almofada, enquanto algumas gotinhas da bebida que eu segurava respingaram em mim.

— Tudo bem, — falei baixinho, olhando a blusa, e espremendo os olhos como a gente faz quando quer parecer fofa, — já secou.

Durante algum tempo, dividi minha atenção com a sombra da árvore, ora nos meus pés e pernas, ora no copo de saquê, cujo canudinho usei para fazer o gelo rodar e misturar o açúcar no fundo do copo à bebida. Quando lambi o último cristal de açúcar e coloquei na boca o que restara da última pedra de gelo, avistei as duas senhoras sentadas em um conjunto de mesa e cadeiras de vime, jogando cartas, rindo e conversando.

Pisquei os olhos algumas vezes, enquanto o gelo finalmente desaparecia dentro da minha boca e, entregue ao frescor da sombra e ao álcool no sangue, sem saber se havia dado um tchauzinho para as duas, ou só imaginado isso, adormeci.

*

Quando sai do prédio no centro da cidade, eu sentia frio apesar do tempo ameno. Era aquele tipo de frio que gela por dentro, provoca sensação de impotência e de vazio, ainda que eu pudesse jurar, vez ou outra, estar no meio de um furacão. Não seria essa a verdade? Um furacão havia me acometido e não teria modo de escapar, nem por que fugir, ou procurar abrigo. Foi por isso que aceitei a proposta de vender a casa dos meus tios, que fizeram o papel de pai e mãe durante toda a minha vida. Só não havia me dado conta de que furacões também varrem a nossa vida, e não só o cenário. Mas o prédio onde trabalhava estava lá, de pé, firme

contra o tempo, mergulhando no céu como se pudesse alcançar o Olimpo. E toda a avenida principal queria repetir o feito, tudo para o alto, tão longe, tão improvável e distante. Por um segundo, o furacão me arrastou para longe de casa.

Um assobio na nuca me colocou de volta em posição de guarda. Dei mais alguns passos revendo os planos dos próximos dias, sem me despedir do prédio para não ter chance de arrependimentos. Assustada, parei quando um vulto de cor branca e rasteiro atravessou meu caminho. De repente, O frio foi embora e o suor apareceu na testa. Estava confusa, aflita, queria me sentar no meio da rua e chorar. Segui o vulto com os olhos e escutei um barulho que vinha das caixas de papelão desmontadas, na esquina. Espremi os olhos e reconheci um gato branco.

*

No quarto do hotel, a noite conseguia ser tão quente quanto o dia, com a diferença da música praieira no jardim, transformando o cenário em um tipo de Lual. Convencida a desbravar as outras estranhezas do lugar, desci as escadas de volta para o salão, e então para o restaurante, que em vez do self-service, servia pratos à la carte, além de algumas porções de aparência e aroma saborosos, e drinks coloridos por todos os lados. Rapidamente reconheci o rapaz novinho, que servia as mesas como de manhã, e estendi a mão para chamá-lo e fazer o pedido.

Passando entre as pessoas do hotel, pude olhar melhor para aquela certa aura esquisita que eles carregavam. Os hóspedes, assim como a mobília e a decoração, não combinavam. As idades variavam, ainda que a grande maioria fosse de adultos e muitos na melhor idade. Crianças devo ter visto três ou quatro, no máximo. Mas não eram as idades, nem mesmo as roupas de estilos variados, transpassando ares do final da década de 20, e outros mais joviais, saídos dos anos 90, que voltaram a ser moda pós pandemia de 2020-21, que me impressionavam. Era alguma outra coisa...

Após conseguir espaço para sentar, e receber minha caipirinha e uma porção de qualquer coisa com nome de peixe no meio, resolvi que era hora de investigar, sorratamente, porque aquelas pessoas eram tão esquisitas quanto o hotel. Mirei sapatos, jeitos de andar, a cor dos olhos, ou a cor que eles pareciam ter à luz das velas do Lual, dispostas em castiçais cá e acolá. Mas ainda não era nada disso, ainda que, talvez, fosse...

No entanto, minhas suspeitas desvaneceram quando vi as duas senhoras, agora saltitantes, de pés no chão, atravessando o muro azul do jardim por uma porta igualmente azul, camuflada pela dança de cores e luzes da noite. A música pareceu mais grave, o tambor ficou mais alto por alguns minutos, e, ao mesmo tempo que engolia mais um bolinho de sei lá o quê, resolvi segui-las. Passando pelo portão, havia uma continuação do jardim cujo terreno era em declive. Curiosa, segui as duas senhoras como se fossem fantasmas, ali debaixo daquela lua imensa, enquanto eu ainda podia ouvir o som dos tambores e meu coração entrar no mesmo ritmo.

Assustada, parei ao notar que os pés e pernas das duas pareciam sumir na escuridão, conforme andavam. O som dos tambores ficou mais distante e outro barulho se fez. Quase caí pra trás quando reconheci o som de água em movimento, advinda da oscilação que elas causavam ao entrar em um lago.

— Ei, se você veio até aqui, tem que entrar na água, — falou a senhora de óculos de gatinho.

— Venha logo. A água não está fria ao ponto de te acordar...

— A mulher de aparência mais séria, usando agora um vestido azul escuro, do tipo indiano, disse em tom de zombaria.

— Mas o quê...? — Balbuciei.

— Deixe a Alice pra lá, menina. Ela é rabugenta por natureza. A verdadeira pergunta é: Por que não?

Eu realmente pensei que deveria argumentar: ser picada por uma cobra, escorregar e torcer o tornozelo ou quebrar a perna, me arranhar, congelar na água... tudo isso era motivo mais que suficiente para não as seguir. No entanto, as duas já estavam

submersas até a metade das costas. Nada do que eu dissesse pareceria relevante para aquelas malucas.

— E aí? Por que não? — Alice, a rabugenta, perguntou.

— Puta merda! — Resmunguei, me dando por vencida para, no instante seguinte, perceber que já estava com os pés e metade das canelas dentro d'água. — Isso não pode acabar bem. — Andei mais um pouco, sentindo a lama do fundo engolir meus pés.

Aparentemente, estava só no começo, pois ambas as senhoras continuavam lagoa adentro, meio andando, meio nadando, embora sem conseguir enxergar o que vinha a frente.

— Aonde vocês vão? — Gritei.

— Nós vamos para o outro lado, — respondeu a senhora de óculos de gatinho.

— Mas o que tem lá?

— Ora bolas, do outro lado tem o outro lado. — Zombou Alice.

— E pra que ir até lá? — Gritei ofegante, quase socando a água de raiva.

— Doroteia, essa menina não tem culhões! — Alice gritou, mais pra mim do que pra sua amiga.

Obviamente, eu estava nervosa e a um passo de responder aquele comentário machista e infeliz, quando Doroteia, a senhora mais animada cujo nome agora eu sabia, brincou:

— Querida, vamos atravessar o lago, mergulhar e sair.

Ainda irritada, continuei a segui-las até perceber que a água também já alcançara a altura do meu peito. O frio percorreu os ossos e me dei conta da grande loucura que cometia. Os pés afundaram mais um pouco e eu tropecei. Com o susto, engoli um pouco de água e assim que pus a cabeça na superfície, os dentes tremerem de frio e medo. Sentindo o ar gelado, me preparei para dizer que ia embora, quando as duas senhoras mergulharam. Só vi seus pés chacoalharem na água e as bolhas se dissiparem aos poucos. Elas desapareceram. A noite parecia mais escura e quase silenciosa. Quase. Entrei em desespero. Os tambores, longínquos, continuavam. E era *quase* escuridão pois havia um brilho diferente

na água. Me segurando para não chorar, tentei gritar por ajuda. Ergui a mão. Abria a boca. E fui puxada para dentro d'água.

*

— Oi, Drika. Eu vi sua mensagem sim. Você não acha que vai ser um problema eu chegar lá assim, de última hora?

— Não, não. Eles sempre têm quartos sobrando. Sei que eu disse que é um hotel, mas está mais para um retiro espiritual-namastê-onírico.

Drika era uma colega do trabalho, dessas com quem a gente troca nem meia dúzias de palavras por dia, mas ficou mais presente depois do falecimento dos meus tios.

— Só quero ver pra onde você vai me mandar, — brinquei ao telefone.

— Que isso, fica tranquila. É super de boa...

Contei para alguns colegas de trabalho que havia aceitado a proposta para vender a casa dos meus tios falecidos, que também era a casa onde eu morava. No entanto, depois de assinar o contrato, havia ficado paralisada, sem nem imaginar o que fazer dali em diante. Não conseguia me organizar no trabalho, perdia as anotações, os horários das reuniões, pegava duas vezes o café, e esquecia ambos os copos cheios, em cima da mesa. A verdade é que não fazia ideia de onde iria morar, nem mesmo de onde *queria* morar, e essa sensação de impotência afetava todos os âmbitos da minha vida. A confusão foi tanta que o RH me impôs tirar as férias atrasadas, e Drika entrou na história me falando do Hotel... como era mesmo o nome do hotel?

*

A garganta e o nariz já estavam tomados pela água e o fundo escuro do lago não me deixava ver nada. Bati e rebati os braços, até sentir que eles também eram puxados, assim como as pernas, agarradas por algum tipo de cordas grossas e ásperas. Com o

coração disparado e enquanto meu pulmão enchia de água, fui perdendo os sentidos.

Então, abri os olhos. Meus pés haviam tocado o chão de lama e o lago se tornou mais profundo, enquanto sua água esverdeada, um pouco mais límpida, me permitia enxergar em volta. Levei a mão a boca e nariz. Curiosamente, eu respirava. No chão, entre folhas e pedras, algumas cruces estavam enterradas. Longe, percorrendo o lugar assim como eu, as duas senhoras iam muito a frente.

Tentei correr, mas percebi que esse movimento não funcionava na água. Então, resolvi nadar devagar, atravessando as sepulturas e as folhagens submarinas, quando notei pequenos peixes furta-cor dançando a minha volta, formando desenhos curiosos para depois se dissiparem. As senhoras perceberam a minha presença, se viraram e sorriram. Em seguida, fizeram um meneio de cabeça me indicando a direção.

Quando o cemitério ficou para trás, percebi meu corpo pesado, dolorido, e tive que deixar de nadar e andar no chão, fazendo um esforço tremendo, mas sem deixar de segui-las. Apesar de andar por um tempo maior do que conseguiria medir, às vezes tinha a sensação de continuar no mesmo lugar. Tudo era apenas água turva e esverdeada. Cansada de persistir, notei que dentro da minha cabeça o som dos tambores não havia cessado, e a cada batida, era hipnotizada. Meus olhos se fecharam por alguns segundos, ainda que as pernas continuassem a andar sem nenhum comando. De repente, eu não era nada e nem ninguém.

Quando tive forças para reabrir as pálpebras, a água havia se tornado quase translúcida, e eles estavam lá, à minha frente: duas estátuas esculpidas com o contorno de meus tios. Parei no mesmo instante, e assim, paralisada, chorei. As lágrimas salgadas se misturando com a água doce ao saírem de meus olhos, feito gotas de cristal, alterando a salinidade do lago. Os peixes furta-cor estavam ali, rodeando aquelas estatuas como se quisessem me dizer alguma coisa, ou eu apenas imaginava.

— Menina, venha, menina.

A voz de Doroteia chegava de dentro de minha mente. Desviei das estátuas e as encontrei me esperando aos pés de uma escada de pedras desniveladas. À medida que subimos, era possível ver a luz pálida do sol penetrar na água sem aquecê-la.

Já na margem, encontrei um banco de areia, e não de terra, muito longo, quase sem plantas e só com algumas pedras. Entre elas uma quinquilharia de objetos.

— Mas o que são essas coisas? — Perguntei para Alice e Doroteia, agora próximas a mim.

— São memórias, menina. — Responderam em uníssono.

*

Era terça-feira, quando me ligaram do hospital. Chovia muito na cidade e todos os dias os noticiários aumentavam a sua audiência com as tragédias de trânsito e enchentes. Mas nós nunca esperamos fazer parte da estatística. Meu tio e tia estavam no carro, levado pela água até o obstáculo à frente: um ônibus estacionado na rua, sem condições de trafegar. Eles foram amassados, morreram na hora, e então tudo fico vazio, sem sentido. E a cada dia, o vazio daquela casa onde morávamos era apenas uma grande deformidade onde eu deveria viver de agora em diante. Eu, que já não era de muitos amigos e evitava me relacionar amorosamente, havia ficado sozinha em uma casa com mais lembranças do que eu poderia suportar. Foi assim que decidi vendê-la. Sem perceber que ali existia tudo que eu tinha e quem eu era.

*

— E onde... Onde está minha memória? — perguntei.

— Além dos tijolos amarelos — Respondeu Dorotéia, apontando para a areia que brilhava em alguns pontos, refletindo a luz do sol.

— E talvez você precise encolher para ver, — enfatizou Alice, um pouco menos rabugenta.

Na direção que apontavam notei pequenas conchas douradas, responsáveis pelo brilho na areia, e, mais a frente, uma casa, pequena, quase minúscula, que aumentava de tamanho enquanto chegava mais perto, até tornar-se absurdamente grande, de modo que eu, facilmente, poderia passar por baixo da porta, caso me deitasse no chão.

— Mas tudo isso é minha memória? — Perguntei.

— Tudo, talvez mais um pouco, ou talvez, nem todas elas. — Doroteia colocou a mão no meu ombro. — O que você precisa é escolher a memória que precisa agora, e trazê-la com você.

— O que acontece se eu fizer isso? Ou se escolher a memória errada?

— Vai ficar aqui, e tentar outra vez, e outra vez. E entrará outra vez na casa, ou ficará no lago, até que faça direito. — Alice explicou suspirando. Talvez ela não acreditasse que eu fosse capaz.

— Mas e se eu NÃO QUISER voltar?

Nem Alice nem Doroteia pareciam entender o que eu dizia. Eu não podia entrar naquela casa, não poderia escolher uma memória para levar comigo, e nem mesmo para abandonar qualquer outra. Afinal, o que isso significava? Esquecer? Escolher apenas uma para lembrar?

— E SE EU NÃO QUISER, NUNCA MAIS, ENTRAR NAQUELA CASA?

— Mas você também não queria sair... — Alice sentenciou.

— Você ainda está aqui! — Doroteia mencionou com tristeza na voz, mas ela não falava da casa, nem da casa dos meus tios, falava de outro lugar.

*

Pés descalços mergulhados na água esverdeada. Mente confusa. Um hotel que não fazia sentido. Um vazio imenso. Sem lar. Só memórias soltas de outras pessoas. Sentada sobre uma pedra, vejo como meus pés bailam na água, fazendo pequenas ondas que distorcem a visão do fundo. Estou casada, e sei que lá

embaixo, em algum lugar, eu enterrei meu tio e minha tia. Estátuas que me levam para baixo. Não é justo. Com nenhum de nós.

Pés. Enrugados. Dançam. Há quanto tempo?

— Oi, querida. — Doroteia senta ao meu lado.

— Então foi assim não é, que eu vim parar aqui, nesse lago?

— Foi sim, querida.

— Quantas vezes eu fui até a porta, e não entrei? — perguntei ainda concentrada no movimento de meus pés na água.

— Muitas vezes, querida. Mas é isso que importa? Você quer tentar agora?

— Não... — respondi meneando a cabeça. — Não quero. Mas eu vou.

— Que bom. Alice tem uma ajuda para você.

Novamente de frente para a porta, eu a enxergava grande, mas já não era enorme. Alice, em pé, segurava um gato de pelo branco nas mãos, que me foi entregue quando cheguei mais perto.

Agradei a nova companhia enquanto o acariciava. Concentrada no afago do felino, a casa ficou um pouco menor e eu consegui, na ponta dos pés, alcançar a maçaneta. Quando entrei, senti o cheiro do produto de limpeza que minha tia usava. Apesar do silêncio, era como estar em casa outra vez.

Na sala, depois que a porta se fechou à minhas costas, o gato, ou gata, pulou do meu colo e andou pelo lugar, e eu, impulsionada por sua companhia, reuni coragem para seguir. Passamos primeiro pela sala e depois pela cozinha, e em cada cômodo as lembranças ganhavam força, deixando meu coração apertado e a mão suando frio. Percebendo que eu enfraquecia, o bichano vinha roçar em minhas pernas, dando energia para encarar tudo ao redor. Os pratos, talheres, o fogão e todas as imagens, desde que fui morar com eles, aos doze anos, ganhavam formas concretas, enquanto a figura de ambos se revelava como fantasmas, translúcidos, mal sintonizados, indo e vindo entre os móveis. Então, retornamos à sala, onde as lembranças se sobrepunham: os jogos na meninice, as tardes de pipoca e filmes, as brigas dos primeiros namoros, e depois o consolo. O xadrez na mesa, o quebra-cabeça, os petiscos

para comemorar um bom dia como uma nota excelente, ou consolar o dia ruim. E, conforme as lembranças iam e vinham, a casa se aproximava de seu tamanho normal.

Em seguida, subimos para os quartos do pequeno sobrado e lá foi impossível não desaguar. Sobre a cama deles, senti-me impelida a deitar e chorar talvez por horas a fio, tomada pela raiva pulsando no peito, a inconformidade com a partida, a solidão que eles deixaram, até adormecer e sonhar com a vida pulsante e linda que vivemos.

Um ronronar curioso e a lambida do gato me levaram de volta àquela realidade. Recuperada, ao fazer carinho nele, percebi uma correntinha de identificação sob seu queixo onde um nome estava gravado: Drika.

Ainda confusa, relembrando cada momento no trabalho eu entendi: Drika nunca existira. Fui eu que criei tudo, ou pelo menos, uma forma de conhecer aquele lugar.

Do lado de fora, Alice e Doroteia me aguardavam, ansiosas por saber se havia conseguido escolher uma lembrança. Contenta por ter superado tudo aquilo, disse confiante que sim, que havia escolhido a memória e estava pronta para levá-la comigo.

— Não, querida. — Doroteia me interrompeu. — Você deixará a memória na areia e assim, ela fará parte do hotel. Depois, entre no lago e...

Ainda aturdida com as emoções, segui o que dizia sem permitir que terminasse a explicação. Coloquei no chão um grande quebra-cabeças, cujo desenho era da fachada da casa. Da porta entreaberta, meus tios acenavam como em uma pintura.

— Nós te esperamos do outro lado. — Alice colocou a mão em meu ombro, enquanto Doroteia seguia à frente. — Leve o tempo que precisar.

Estática, observei as duas senhoras entrando na água, até serem totalmente cobertas pelo seu verde translúcido, que dali, naquela posição, parecia mais com o mar, do que com um lago. Ao longe, nuvens rasteiras brincavam preguiçosas no horizonte. Voltei

o olhar para os objetos na areia e reconheci muitos ali, do quarto do hotel onde me hospedara.

— A Casa do Ontem. — Falei baixinho, lembrando seu nome.

Então, era isso? Todas aquelas memórias deveriam ficar no lugar delas, no passado? Isso me parecia cruel demais. Eu não estava pronta para seguir, jamais estaria pronta para esquecer. O coração foi ficando mais apertado e eu já não conseguia conter as lágrimas. Os braços tremiam, enquanto o desamparo se tornava físico senti. Abracei meus joelhos, enquanto estive no chão na tentativa de afastar a dor. As lágrimas já ganhavam o colo, e meu choro assemelhou-se ao de uma criança. Não havia mais nada ali, além da perda.

Como eu poderia abandonar as memórias no ontem? Como eu fingiria que tudo ali se resumiria a um bobo quebra-cabeças? Eu não sairia dali... talvez nunca saísse.

Em Certo momento, as lágrimas cessaram enquanto o céu foi pintado de roxo, laranja e rosa. Eu ficaria ali para sempre, então?

Isso não estava certo. Eu sabia que não estava. Mas também sabia que não poderia largar aquelas lembranças todas, como se minha família jamais tivesse existido.

Respirei fundo e tentei pegar o quebra-cabeças. Ao toque dos meus dedos, no entanto, ele se transformou em areia, para ser feito assim que levantei novamente as mãos. Mordi os lábios, entendendo o recado. Examinei-o mais uma vez encarando o aceno dos meus tios, pintados naquela porta, e resolvi que era hora de voltar. Mergulhei no mar-lago, enquanto a noite ganhava o céu.

Daquela vez, toda a travessia foi feita no escuro. Vez ou outra, os peixes luminescentes surgiam e desapareciam, talvez dizendo que eu estava no lugar certo, que já não havia estátuas pesadas ou um cemitério no qual eu desejei me afogar, para seguir com minha família. Todas as sensações passaram por mim, e quando finalmente saí da água, respirei aliviada. Estava leve.

Na porta que dava para o jardim, encontrei Alice e Doroteia, que me guiaram pelo quintal. Estava amanhecendo, e um punhado de pessoas tomava ali o seu café da manhã.

– Venha aqui – Doroteia me chamou, levando-me pelo braço.
– Quero que conheça duas crianças que acabamos de receber no hotel.

Aproximamo-nos de uma mesa ampla, onde dois irmãos, muito semelhantes, com cerca de 7 ou 8 anos, estavam brincando com o quebra-cabeças que eu deixara na praia.

– É muito difícil recebermos crianças aqui. A grande maioria delas tem seu próprio mundo no fundo do mar, em castelos encantados, ou florestas mágicas, e não precisam da nossa hospedagem.

– Mas algumas vivem perdas muito doloridas, e crescem antes da hora, precisando de um ambiente um pouco mais maduro, com pessoas mais velhas, para que possam ser novamente crianças.

– Alice completou. – Breno, Lucas, deem olá para essa moça.

Os dois garotos, apesar de estarem sorrindo, tinham o semblante pesado, com olheiras profundas de choro, e um brilho estranho nos olhos: eram olhos mareados.

– Então, é isso? – Perguntei enquanto nos afastávamos.

– Você entende agora, – Alice concluiu satisfeita.

– Todos esses olhares são de *sentimentos*. Não só de sentimentos, mas os mais profundos. Estão todos aqui, pois estão mergulhados em si.

– Às vezes, – dizia Doroteia, – nós precisamos visitar o ontem e para que isso não nos derrube é preciso entrar no lago...

– e mergulhar no lago, e atravessar o lago... – continuava Alice

– E sair dele! – Encerrei.

– Exatamente. – Doroteia sorriu. – Agora vá dormir, querida. Você deve querer ir embora assim que estiver descansada.

*

– Essas são as chaves do hotel. – Doroteia mostrou um objeto dourado.

Ela e Alice me aguardavam na saída do hotel. Altivas, pareciam as verdadeiras donas do estabelecimento.

— Você pode voltar para cá sempre que precisar, — Alice continuava. — E terá um quarto disponível para seu repouso, para se energizar ou entrar em contato com você mesma. Às vezes, será um passeio doloroso, às vezes, será de boas e felizes lembranças.

— O que importa, querida, é que esse lugar também é seu agora e tem um pouco de você.

Em vez de Doroteia dar-me a chave em mãos, ela levou até meu coração, e o objeto dourado, entrou no meu peito, como uma luz. A elas juntou-se o garoto que servia as mesas. Pelo visto, eram algum tipo de seres especial que tomavam conta daquele lugar.

Os três sorriram e eu abracei as duas mulheres com força, grata por poder recomeçar lá fora.

*

Não tive coragem de comprar outro imóvel. Sabia que havia sido precipitada na ansiedade de querer vender a casa onde vivi minha infância e fui amada, imensamente amada. Mas agora, afora o meu arrependimento, ela pertencia a uma nova família, que construiria boas e novas lembranças ali. Ao menos era isso que eu desejava para eles.

Desse modo, aluguei um apartamento um pouco mais próximo do trabalho, e resolvi iniciar a construção de algumas novas lembranças, mas não sozinha. Por sorte ou por destino, encontrei minha amiga ainda entre as caixas de papelões: Drika, uma gatinha branca que tem por hábito me acordar antes do despertador com suas lambidas e ronronar.

Laura

Caio Bezarias

14 de setembro de 2005, quarta-feira, duas e trinta da tarde

Sem vontade nem ânimo, Laura sentou-se em sua cadeira, espiou o celular com desprezo, inconformada por não poder adquirir um modelo que tocasse música em formato digital; uns minutos com o fone de ouvido grudados em seus ouvidos, mergulhar nas melodias do Londor After Midnight, Cabine C, Depeche Mode, Miranda Sex Garden e poderia suportar as horas restantes naquele emprego nocivo. Reprimiu um suspiro, ligou o computador e retornou ao trabalho. Olhou para a janela, preenchida pelas torres da Avenida Paulista, e o lamento escapou, vibrando de tristeza. A garota de 21 anos pensava na imensidão de horas e dias, uma muralha de tempo feita de rotina e aborrecimentos que mantinha a noite de sexta-feira tão distante, ansiando para que surgisse o momento em que aquele cenário ganhava cor, vida e mistério, quando aqueles emaranhados de metal tornavam-se imensas gárgulas cobertas de luz amarela a cortar a noite, quando o mundo passava a ser sedutor e a encantar; pois, durante o dia nada fazia sentido ou importava, o dia não era nada além de uma massa de horas em que ela fazia as coisas que tinha de fazer – trabalhar e ganhar um suado e pequeno dinheiro, e assim ter um teto, se manter longe do que restava de sua família

e ter vida própria – para garantir sua verdadeira vida, sua vida noturna, a que valia a pena, que entusiasmava, que fazia seu corpo e espírito viverem de fato.

Para aguentar com mais forças o restante da tarde foi à cafeteira, encheu um copo até a borda e engoliu uma enorme golada de café; e enquanto verificava as mensagens e reclamações dos clientes, relembrava os momentos de parar a respiração e a pulsação, as cenas incríveis e inexplicáveis que presenciava todos os fins de semana há meses, os segredos, horrores e maravilhas que caminhavam pela escuridão e dos quais se tornara dependente. Enquanto engolia a bebida fumegante, um punhado de lembranças de sua vivência na noite desaguou na consciência, tão coloridas e nítidas que o ânimo por saber que tudo isso retornaria em breve explodiu dentro dela, assim como a ansiedade por querer tudo de imediato.

Seis meses antes

Sábado à tarde

Laura terminou de varrer o chão, recolheu os papéis amassados e empilhados ao lado da escrivaninha e olhou para a janela. Estava suada, os braços doloridos, seu cabelo era uma confusão de fios retorcidos, mas estava feliz, cheia de ânimo. Fim de tarde! A noite de sábado aproximava-se e chegava o momento de se produzir, de vestir seu traje de noite, maquiar-se a rigor e correr para o Darkness, seu querido Darkie, com sua escuridão inspiradora, sua infinidade de rapazes e algumas garotas, suas músicas eternas – sempre as mesmas, para deleite dela e de muitos, todas as coisas que felizmente nunca mudavam, os marcos de um templo sujo e escurecido onde os seus amigos, os estranhos, perversos e seres da noite se encontravam, onde ela era uma pequena diva, com um pequeno séquito a seu redor, sobre o qual ostentava um duvidoso poder de sedução e uso no qual ela mesma acreditava menos a cada sábado...

A noite se aproximava. Sentou-se em sua cama de solteiro e observou, da quitinete encravada no topo de um prédio decrepito na divisa entre a República e os Campos Elísios, a noite chegar. Primeiro as nuvens próximas ao horizonte tingiram-se do mesmo vermelho que inundou a parte mais baixa do céu, depois a tonalidade sanguínea morreu e deu lugar à escuridão cada vez mais densa. Quando a luz do Sol por fim morreu e a noite, vinda de longe, do outro lado do mundo, engoliu a cidade, um sorriso surgiu no rosto de Laura e lá ficou, um sorriso cheio de malícia e audácia. A noite era o mundo dela, as luzes da cidade, garotas pintadas, irresistíveis – ela era uma dessas –, tudo de misterioso, sedutor e belo que havia no mundo, para Laura e seu povo, concentrava-se na noite.

Sábado à noite

Mal passava de uma da manhã e a noitada já oferecera tudo que ela esperava – conversas recheadas de maledicência com os amigos, em que rebaixavam pessoas que lhes eram íntimas pouco tempo antes, muita bebida, sexo casual com um sujeito do qual soube apenas o primeiro nome, o ato feito no duro banco de cimento defronte à pista de dança, o ambiente ao redor deles totalmente escurecido, ele sentado, segurando-a nas ancas, ela conduzida pelas mãos apressadas dele, subindo e descendo ao ritmo da pesada música eletrônica que saía das surradas caixas acústicas. Outra trepada que terminou rápido, o sujeito nada preocupado com o prazer dela, mais um bastardo que serviria apenas para fazer pose para as amigas e ser acrescida à lista de “loucuras” que fizera para manter sua imagem que tanto prezava; muito pouco, entretanto, para uma verdadeira satisfação, física ou psicológica. Em um íntimo que se tornava, a cada sábado, cada vez mais evidente, mais fácil de ser captado por aqueles que a conheciam e mais pesado para ela, todo o cabedal de excessos e diversões perigosas que Laura podia mobilizar apenas cansavam-lhe o espírito e serviam para acentuar o vácuo de sua existência. Ela não sabia mais como enfrentar o dia

seguinte, apenas se esforçava em fingir que a vida diurna era um intervalo antes de a noite se iniciar.

Após limpar-se no banheiro e pegar um copo da coisa escura que era chamada pelos balconistas do bar de “vinho”, ela voltou ao porão, apoiou-se contra a parede oposta à cabine do dj, acendeu um cigarro e lá ficou. Deixou-se levar pela batida da canção do Poesie Noire e se entreteu seguindo o movimento de um casal que dançava, numa série de movimentos fluidos e elegantes, bem à frente dela, tudo para afugentar a dolorosa consciência de que a noite era cada vez menos o que ela sempre esperava que fosse.

Após dar cabo da bebida, teve uma ideia extremada para expulsar o mal-estar emocional: por que não transar com outro cara? Nunca fizera isso antes, nunca trepara com dois sujeitos em uma mesma noite, e ainda por cima fazê-lo no mesmo lugar. E onde fazê-lo, para que a coisa fosse completa? Claro, na “dark room” do porão gótico, a Sala, como era conhecida por toda comunidade gótica e roqueira, a nada secreta sala do Darkness para orgias, trocas de casais e o que mais a libido dos frequentadores inventasse, era meio restrita à elite dos frequentadores da casa noturna – isto é, os amigos mais próximos dos donos e aqueles que podiam pagar uma espécie de aluguel para usarem quando bem entendessem – mas Laura fazia parte dessa elite sem ter gasto um centavo, pois já tinha dado para os donos e vários dos incontáveis barmen e seguranças que passavam pela casa noturna e sumiam meses depois, como se trabalhar lá fosse um castigo escolar. Ela até mesmo tinha cópia das chaves da tranca e do cadeado que mantinham a Sala mais ou menos inacessível, quando alguém ou um pequeno grupo a alugava para uma festa ou orgia fechada, cortesia de Jonas, um dos donos, que as deu em troca de uma demorada chupeta, em pleno banheiro masculino.

Era isso mesmo. Dar para dois caras, em pouco mais de uma hora, os dois catados no mesmo lugar? Ah, suas amigas ficariam malucas ao saberem, e, bem, o que importava era ser vista como uma doida fodona, o que diriam sobre ela bastaria para afastar a tristeza e o tédio, faria sentir-se poderosa e legal de novo.

Cheia de ânimo, trotou até a porta da Sala, as pontas da bota de salto alto e fino mal tocavam o piso. Esse breve momento feliz, em que só havia a empolgação e a promessa de emoções novas, foi como a realização de uma antiga e algo inocente fantasia sua, em que era uma deidade, uma rainha urbana desfilando em um piso brilhante, cercada de néon e rostos a admirando, tudo sob a luz de uma lua imensa e perfeita...

Quando a porta surgiu em seu campo de visão, ela reparou que a tranca estava passada, mas a corrente não estava lá, o que significava que uma festinha “semiaberta” estava rolando: quem entrasse, se agradasse aos participantes, podia ficar e se atirar na orgia. Ela abriu com dificuldade a bolsa, tão empolgada estava, deixou estojo de maquiagem e batom rolares no chão. Finalmente, sentiu o metal frio em seus dedos, apanhou os apetrechos femininos do chão úmido, enfiou a chave no respectivo buraco e girou-a com toda a força que a mão dispunha.

Uma coloração vermelha, difusa e fraca se espalhava de maneira estranha pela Sala, como se fosse uma névoa imaterial feita de luz. Casais e grupinhos – duas garotas, três rapazes, duas garotas e um sujeito pelo menos dez anos mais velho, uma coroa de rosto marcado com uma ninfeta, e uma maioria de casais homem-mulher se atracavam pelos sofás e pufes puídos e empoeirados, vários em pleno ato. Gemidos e sussurros nada sutis cortavam o ar, pesado da mistura de odores de sexo, maconha, suor, álcool e poeira. Já havia muitas peças de roupa e bolsas largadas no chão, que ela evitava sem muito cuidado.

Logo Laura inspecionou toda a Sala e não encontrou nenhum cara desacompanhado e que lhe interessasse. Claro, estúpida! Teria de buscar alguém na pista ou no bar e levar para lá. Deu meia volta e estava a poucos passos da porta quando uma mão forte e grosseira se fechou em seu punho esquerdo.

– Ei, Laura, quanto teeeempo, gata! Vem aqui, senta cum nós e vem entrar nuumas! Éééé!

Livrou-se da garra sebosa e olhou assustada. Levou mais de um instante para reconhecer Eduardo, um antigo rolo cuja simples

lembrança lhe enchia de ódio e arrependimento. Ficou horrorizada: não haviam se completado dois anos que tinham se afastado, ele era pouco mais velho e ali estava, pelo menos quinze quilos mais pesado, o rosto inchado, disforme, o cabelo ressecado e desgrenhado.

Imediatamente sentiu o olhar hostil da acompanhante daquele traste e a encarou. Seu queixo caiu: uma linda morena de um metro e oitenta, vestindo blazer de veludo verde-escuro por cima de um corpete de couro reluzente, calça do mesmo material muito justa. A mulher era alta, corpulenta, magnífica: corpo perfeito, uma cabeleira negra e cacheada esplendorosa, lindos traços faciais cobertos pela pele mais branca e lisa que já vira. Os olhos negros chispando uma luminosidade que ressaltava os lábios fartos e vermelhos.

Como aquela deusa gótica se rebaixava ao ponto de estar com tamanho escroto? O que queria dele? A intuição de Laura alertou-a de que algo muito, muito perverso e anormal rolava entre aqueles dois e decidiu cair fora o mais rápido possível.

– Sai fora, meu. Você está acompanhado e não quero mais nada com você, entendeu?

Antes que ela alcançasse a porta, ele ergueu-se e agarrou-a pela cintura, apertando com força. Trouxe o rosto dela para perto do seu e falou bem alto, um bafo terrível exalado a cada palavra:

– Ora, vamos curtir um lance a três, uma surubinha. Vai me dizer que parou com isso? Duvido.

– Já disse para me deixar em paz! – E com um safanão atirou o sujeito contra a parede.

Ele a encarou por um instante, bufou e avançou, porém, antes de sua mão aberta atingir o rosto de Laura, outra mão escura e enorme surgiu, torceu seu braço e prensou-o contra a parede. Somente nesse momento ela lembrou-se dos seguranças que ficavam ocultos em cantos estratégicos da Sala, como sombras silenciosas, impassíveis, assistindo a tudo e só intervindo em situações como aquela.

O segurança, um mulato enorme e claro, mal-encarado, metido em traje social azul-marinho, falou com voz fria, de quem já lidara com tal situação muitas vezes:

– Você vai para a rua, gordão, e não abre a boca.

O segurança abriu a porta sem soltar o gordo escroto e desapareceu com ele.

Sentada em um pufe, Laura recobrou o fôlego. Estava bastante incomodada com os olhares que lhe dirigiam e queria sair dali o mais rápido possível. Tinha mudado de ânimo e ideia: nada mais de sexo ou aventuras naquela noite. Tudo que queria era mais vinho, respirar ar fresco no terraço e relaxar.

Antes de se levantar, percebeu a companheira de Eduardo a sua frente, o rosto praticamente grudado ao seu. Um calafrio percorreu-lhe a espinha, pois não percebera ela se mover, simplesmente surgira ali!

A voz dela era baixa, mas bem audível, como se entrasse diretamente em sua cabeça:

– Detesto me alimentar de mulheres, mas não há outra opção: estou faminta e sua intromissão estragou tudo. Prepare-se para ser presa de um dos imortais, humana desgraçada!

E Laura viu os caninos enormes e pontiagudos pularem da boca da mulher e os olhos emitirem uma luz vermelha. Ela olhou para os lados, seu rosto transformado em uma máscara de desespero, pedindo por ajuda. O desespero aumentou ao sentir um som de risada invadir seu cérebro:

– Não adianta pedir por socorro. Meu poder é bastante para que os outros humanos não vejam nem ouçam nada do que realmente estamos falando e fazendo. Vou levar você para fora daqui e beber seu sangue de fêmea até o fim. Maldita seja, mulherzinha!

– Espere! Eu não tive culpa, ele que me abordou. Podemos resolver isso. Eu conheço aquele cara, sei onde ele está agora. Ele não foi longe. Sempre fica no boteco em frente, se lamentando e xingando, após tomar milhares de foras das garotas daqui. Me deixa sair, eu pego ele, levo para um lugar seguro e lá você bebe o

sangue dele. Em troca, me deixa viva! – Ofegava tanto que parecia prestes a explodir. O sentido da torrente de palavras que despejara foi entrando aos poucos em sua consciência. Ficou pasmada – e orgulhosa – pela velocidade de seu raciocínio.

A vampira fechou a boca, que formou um sorriso malicioso, o brilho vermelho nos olhos apagou-se. Parecia novamente uma beldade humana. Após um instante, perguntou:

– É capaz disso? Entregaria seu ex-namorado para salvar a si?

– Ele nunca foi meu namorado. É um cafajeste nojento, isso sim. Um idiota pra quem dei umas vezes e me arrependi depois. Será um favor para as mulheres daqui se ele sumir.

Novamente aquela risada assustadora invadiu sua cabeça. E dessa vez teve a percepção de que se envolvera até a medula em algo perverso demais para seus padrões.

– Muito bem. Eu aceito sua proposta. Mas saiba que posso te paralisar e sumir com você quando quiser. Assim, tente me enganar e sofrerá muito mais do que sua pobre imaginação pode conceber.

Laura encarou a criatura por algum tempo e respondeu, em um tom de igualdade que surpreendeu e satisfez Ingrid:

– Não precisa temer por isso. Jamais trocaria minha vida pela daquele cachorro. Vamos logo! – e saiu porta afora, levando a outra pelo braço.

Quase em frente ao Darkness havia um minúsculo bar que deveria ser tombado e preservado como modelo supremo de botequim sujo, apertado e pitoresco, daqueles que existem aos montes no centro da cidade e arredores. O “bar do João”, como era conhecido por todos os frequentadores da casa noturna, era nada além de um balcão de fórmica desbotada e ensebada que ocupava a maior parte do apertado espaço. Logo atrás do balcão ficavam João (o Jão) e seus dois empregados, servindo cerveja, doses de pinga, caipirinha e outras bebidas aos fiéis do Darkie, que ali se abasteciam antes (e por vezes depois) de invadir o porão gótico. Das formas e meandros das relações que João e seus funcionários desenvolveram com seus fregueses noturnos e vestidos de preto a única que importa aqui é a prática de algumas garotas: sabendo que

o depósito de cachaça, conhaque e outros era um buraco escuro e mal-cheiroso no pé de uma das paredes do banheiro fétido, elas pediam para usar o cubículo e saíam levando uma garrafa escondida na bolsa, que era dividida entre elas e amigos na esquina mais próxima, contando com a anuência dos empregados, que permitiam o roubo em troca de um beijo rápido ou uma carícia. E Laura sabia que um “esporte” praticado por Eduardo com frequência era ir ao cubículo imundo para despejar o conteúdo de seu estômago, sentar no chão e “meditar”. Assim, ela entrou no muquifo em passos firmes, mas tremendo de horror por dentro. Jão e seus ajudantes, Fuinha e Zelão, olharam-na de maneira sedenta. Perguntou pelo sujeito e Fuinha apontou o banheiro, enquanto emitia uma risadinha maliciosa.

Não precisou de mais de dois minutos para conduzir Eduardo pelo braço para a rua, já quase vazia. Ele não ponderou por um único instante a estranheza de ela procurá-lo tão doce e gentil, minutos após destratá-lo: como quase sempre, estava bêbado, e sempre fora um cara de inteligência curta e lenta, sobretudo quando tinha a rara chance de pôr as mãos em carne fresca para saciar sua libido.

Laura o levou para a rua logo abaixo do Darkie, como a criatura lhe ordenara. Estava escura, quieta e totalmente deserta. Com a maior naturalidade, ela o apertou contra uma parede e o encarou, olhos nos olhos, segurando as mãos suadas dele nas suas. Sorriu como se ele fosse o homem perfeito que esperava há anos.

– Vem aqui, gata. Tô cum mó saudadi de você!

– Já vou, querido.

E uma mão coberta por uma pele cinzenta e enrugada, terminada em garras longas de cor negra, veio de cima e puxou os quase noventa quilos do homem em uma fração de tempo, tão rápido que ele sequer gritou ou gemeu. Laura olhou para cima. A monstruosidade apertava o pescoço do gorducho de tal forma que seu rosto já estava vermelho. Um som muito fraco saía da boca dele e os olhos saltados eram terror absoluto.

A criatura riu. Sua risada era um som áspero e metálico, um rugido infernal como nenhum outro som que Laura ouvira antes, saindo da boca forrada de presas alvas.

A criatura falou:

– Se detesta tanto esse homem, certamente será um deleite para você ver seu fim. Venha! – E antes que a mente da garota ordenasse que o corpo desembestasse em fuga, foi agarrada pelo colarinho e posta no telhado. Desabou nas telhas, encolhida de medo, maldizendo-se por acreditar naquela besta sobrenatural. Um vampiro seria justo? Deixaria um humano saber de sua existência e escapar? O horror de estar bem próxima de seu fim engoliu Laura. Finalmente, o tédio e o vazio acabariam e com ele tudo o mais: o mundo, o tempo e a vida estavam terminados para ela.

A vampira ergueu-a e falou, com suavidade:

– Fique calma. Nada acontecerá a você. Eu sou um dos Senhores de minha raça, honro meus acordos e promessas. Você apenas assistirá a esse ser abjeto ser minha refeição. Vamos! – E a vampira, numa sucessão de saltos e escaladas carregou-os pelos telhados, pátios e becos do Bexiga. Quando parou. Estavam em um pátio interno e alto de algum casarão, nuvens cinzentas desfilando acima deles. Sem cerimônia ou aviso, a criatura pulou sobre Eduardo e cravou os dentes em sua jugular. O sangue mal escorreu, pois a fome era tanta que a vampira não permitiu desperdício. Laura grudou na parede oposta, apenas observando a cena, muda, boca e olhos escancarados, mas enquanto os gemidos do sujeito sumiam e sua pele perdia por completo a cor, a satisfação e a completude corriam por Laura. Felizmente a criatura se colocara à frente do gorducho e Laura foi poupada do espetáculo de ver o sangue verter para a boca da vampira. Estava testemunhando algo espantoso, incrível, e para o qual contribuiria! Sentiu-se cheia de si como poucas vezes em sua vida repetitiva e sem sentido. Haveria mais disso pela noite da cidade? Que outros seres e acontecimentos como esse estavam por aí, ocultos aos humanos comuns? Mas agora ela não era mais um humano comum, conhecia o segredo da

noite! Ah, se pudesse contar o que agora sabia, a seus amigos invejosos e de boca ferina... Seria o máximo.

Assim que terminou de sugar o fluido, a vampira apanhou o corpo e embrenhou-se nas trevas com ele, retornando de mãos vazias alguns minutos depois. Caminhou até Laura, sentou-se a seu lado e pôs-se a falar como se fosse uma velha amiga que reencontrara depois de anos:

– Posso ver e sentir que presenciar a caçada de uma vampira deu-lhe uma alegria que há muito estava ausente em seu espírito. Se quiser poderá ver isso mais vezes, basta me ajudar a capturar minhas vítimas. Sabe Laura, não sou um monstro irracional e sanguinário. Só me alimento de homens baixos e vis: criminosos baratos que matam por quase nada, pervertidos que abusam da filha, canalhas que se aproveitam das mulheres, agiotas. Procuo limpar um pouco essa cidade. Não quer me ajudar?

Ela nada disse, apenas encarava a deslumbrante mulher, julgando aquela proposta uma piada de um humor insano, incompreensível.

Encararam-se por algum tempo, até que a mulher a agarrou mais uma vez, colocou-a no chão com cuidado e antes de desaparecer disse:

– Ambas já sabemos a resposta, mas você precisa de alguns dias para assimilar tudo que ocorreu esta noite. Vá para casa e volte a sua existência normal. Na próxima semana nos veremos. Esteja pronta. – e desapareceu nas sombras.

Seis dias depois, sexta-feira – começo da noite

Laura tivera de fazer hora extra e quando saiu do trabalho já anoitecera. Cogitou passar a noite na rua, zanzando pela Paulista e pelo centro, entrar e sair de lojas de discos, cafeterias, lanchonetes, botecos, até a luz do dia retornar; a ideia de dormir a arrepiava. Por duas noites seguidas teve o sono interrompido por pesadelos repletos de gritos, escuridão que a engolia e rios vermelhos infernais caindo sobre ela para afogá-la; acordou em meio a berros

tão desesperados que mais de uma vez os vizinhos bateram à porta para saber o que se passava.

Não iria para casa. Andaria a esmo até ficar cansada demais e mergulhar em um sono tão pesado que os pesadelos seriam ignorados e calados, até esquecer a descoberta de que vampiros existiam e estavam soltos por São Paulo, andando por aí... ou parados nas ruas, como a vampira da semana passada, encostada em um tapume na esquina, olhando para ela com satisfação.

Os temores se dissiparam ao ver a mulher. O sorriso e o olhar eram tão confiantes e convidativos, prometiam tantos segredos paralisantes e maravilhas terríveis que Laura sentiu com nitidez e intensidade inéditas a atração que as horas noturnas exerciam sobre ela. Descobriu na criatura o segredo da noite, que tanto procurara.

Aproximou-se a passos lentos, ficando bem perto da mulher, pois temia que fossem ouvidas:

– Como me encontrou? Está me seguindo?

– Não eu. Meu servo. Ele descobriu tudo sobre você para mim. Mas deixe isso para lá. Já disse para não me temer. Não bebo o sangue de mulheres há séculos e seus desejos me divertem. Vamos?

– Para onde?

– Para as profundezas da noite, para o coração negro dessa cidade, repleta de coisas que os mortais ignoram. – Abriu a porta de uma bmw negra parada ao lado e fez sinal para Laura entrar e ela obedeceu apressada e sem jeito, quase tropeçou ao entrar no bólido.

17 de setembro de 2005, sábado

Nove da noite

Laura olhou-se no espelho preso na porta do guarda-roupa e ajustou o vestido de renda negro em seu corpo magro, calçou as botas negras de salto altíssimo como se estivesse se aprontando para o maior encontro sexual de sua vida. Enquanto se maquiava

sentiu como se uma mão delicada acariciasse seu rosto e brincasse com seus cabelos. Teve um pequeno arrepio de prazer e imaginou ver Ingrid a seu lado, ajudando-a a ficar deslumbrante para mais uma noite de perversões, prazeres inomináveis e situações indescritíveis, que viviam lado a lado, toda a semana, havia vários meses. Não sentiu medo ou espanto ao ver o vulto da vampira a seu lado, mas sim satisfação e a sensação de estar protegida dentro de um mundo que ainda era assustador.

Sua relação com a criatura das trevas era um deleite que preenchia seu espírito, a tristeza vaga e insuportável e o tédio tinham desaparecido e isso era o que importava. A cada fim de semana ela sentia que tomara uma estrada que levava cada vez mais para o fundo de sua alma, encontrando, lá, coisas nada belas ou admiráveis porém inebriantes, pois viciara-se em descobrir quão baixa e vil poderia ser.

Onze e quarenta e cinco da noite

Laura estava encostada no galpão em frente ao Darkie, uma lata de cerveja em uma mão e um cigarro na outra. Conversava com um rapaz alto e bastante magro, cuja aparência era uma imitação rasteira, sem senso, de um dândi. Seus modos e voz muito efeminados. Ela estava radiante, exalando animação e ele a examinava, intrigado, esperando que alguma fala ou gesto dela revelasse algo sobre a mudança que se operara nos últimos meses. – Vamos entrar, querida? – Perguntou Yagus (como se autointitulava o sujeito, cujo nome nos documentos era José Augusto), carregando a pronúncia do “querida”, numa enorme afetação.

– Ainda não. Estou esperando a hora certa da festa na dark room.

Os olhos do delicado rapaz se arregalaram:

– Você tem convite para a festa de hoje? Uauuu! Só a nata da comunidade dos amantes da noite, dos notívagos, os que têm estilo,

beleza e claro, ostentam isso, recebeu convite para essa festa. Faz quase um mês que se fala dela por toda cidade, nos fóruns góticos.

Ela bebeu o resto da cerveja, jogou a lata longe, deu uma longa tragada, tudo da maneira mais grosseira possível, e perguntou em tom de desafio:

– E eu estou longe de ser da nata, não é? Até não muito tempo atrás era só mais uma das largadas que vinham aqui para afogar as mágoas e a solidão, certo?

O rapazola, cheio de modos e medidas, não se importou com a agressividade de Laura. Era seu mais antigo amigo na comunidade, a conhecia bem e estava sinceramente preocupado com a transformação por que ela passara, que indicava coisas muito estranhas por trás. Assim, retrucou com toda calma:

– Você é sim. Você sabe o que é ser um verdadeiro praticante da cultura do goticismo, minha amiga deusa. Oh! Por favor, não se ofenda, querida! Mas, assim como eu, você não tem os meios e os contatos (pelo visto, NÃO TINHA) para ser aceita entre eles, que são movidos a aparência e mais aparência.

A garota deu a última tragada, livrou-se da bagana, cruzou as mãos sobre o colo, caminhou apenas dois metros, olhando para o céu em que se viam algumas estrelas em meio às nuvens, parou, voltou-se para o amigo e dirigindo-lhe um olhar de superioridade respondeu:

– Ah, querido Yagus, se eu pudesse contar tudo que vi e sei. Tem muitas coisas estranhas, maravilhosas e também assustadoras pela noite da cidade. Desculpe se pareço metida, mas vocês que vêm todo sábado aqui, para dançar, beber, conversar, ficar uns com outros, não conhecem o verdadeiro segredo da noite. Tem tanto segredo e mistério que comanda essa vida, comanda nossas vidas, sem suspeitarmos disso, tantos que é impossível não se sentir a tal depois que fui apresentada a eles. – e soltou um pequeno suspiro.

– Isso tem a ver com suas práticas de magia? Você invocou algo, uma espécie de sei lá, espírito da noite, um elemental das trevas, por assim dizer?

– Não, não, não tem nada a ver com a antiga tradição da deusa. É algo que não posso revelar. Me desculpe meu anjo. – e dirigiu seu olhar arrogante para a silhueta dos prédios.

Essa era Laura após alguns meses acompanhando Ingrid, a sedutora vampira de cabelos negros, em suas caçadas, presenciando e por vezes, auxiliando a criatura a dar cabo do que ela considerava a escória masculina, fazendo dos homens como peças de carne a serem consumidas sem arrependimentos. Ela passou a pouco ficar entre seus amigos e conhecidos do Darkness e das outras casas noturnas dominadas pelos sempre trajados de negro; suas noites, mais e mais, eram aparecer na porta das boates, cumprimentar as pessoas, dar respostas evasivas e cada vez mais arrogantes sobre os lugares por onde e com quem andava, o que estava fazendo, bancando a misteriosa e superior de uma maneira que afastou até mesmo os três únicos amigos verdadeiros que cultivava, depois entrava na casa para ou correr para a dark room ou sair dali a pouco e reaparecer duas ou três semanas depois. Quando ia embora, várias vezes uma bmw negra estava a esperando, o que deu origem aos boatos e fofocas mais variados e cômicos.

– No que você se enfiou, Laura?

– Já disse, em algo tipo muito das trevas, perigoso, e que não posso revelar.

– E você ainda não percebeu o que esse envolvimento com as trevas está fazendo com você? Olhe seus modos, como você tem tratado as pessoas a seu...

– Não devo nada a você ou a ninguém sobre o que faço. Isso é problema meu e ninguém manda em mim. Você não tem esse direito. – Saiu pisando duro na direção da porta do casarão escuro, seguida pelo olhar perplexo do sensível dândi-gótico.

Uma da manhã

Após correr para o bar e beber duas cervejas e um copo de vinho quase sem intervalo, Laura fincou os pés no canto mais afastado do minúsculo terraço, para aspirar ar puro e ficar o mais

afastada possível da multidão, do intenso movimento para lá e para cá que tomava todos os espaços e escadas do Darkie: era como se todos os presentes fossem convidados para o que começaria em breve na dark room e como ela, estivessem tomados por um frenesi insano, aguardando o início do festim secreto que seria “o ápice inimitável e insuperável de depravação, mergulho nas trevas e descoberta da verdadeira dimensão sobrenatural da existência desse e nesse mundo”, nas palavras de Ingrid, que surgira na porta do prédio em que Laura morava, ao cair da noite de quinta, com o ar despreocupado, reconfortante até, que sempre a acompanhava, para convidar Laura a presenciar e se quisesse, participar, da cerimônia suprema que ocorreria no Darkness em dois dias, cortesia dela Ingrid, que ali estava apenas para anunciar isso.

Uma vertigem, uma tontura súbita caiu sobre ela, em parte pela bebida, em parte pura reação corporal às imensas tensão e expectativa; em poucos minutos imaginou inúmeras cenas e possibilidades para o que se iniciaria e questionou a si mesma se conseguiria encarar... encarar o quê? Tanto temor era absurdo. Somente entrando na sala reservada descobriria se era forte o suficiente para adentrar o centro do mundo sombrio.

Um vulto parou bem a sua frente, interrompendo os pensamentos. Como ela deduziu, era Ingrid. A beleza e elegância da vampira eram sem par. Laura jamais vira, em toda a microssociedade gótica de São Paulo uma mulher como essa, vestida desse modo, usando um vestido como esse, que parecia feito havia bem mais de cem anos, porém estava intacto, cheirando a tecido novo, livre de odor humano. O pescoço e rosto estavam adornados de pedras brilhantes, verdadeiras sem dúvida, o cabelo cacheado exalava perfume de flores.

Laura mirou sua mestra por algum tempo até que esta lhe disse, tomando-lhe pelo braço:

– Vamos. A maior de todas as noites que esse lugar estúpido vai presenciar está prestes a se iniciar e eu, como um dos Senhores da Noite, tenho de estar presente ao início.

Antes de dar um passo, ela disse:

– Só mais um instante. Preciso beber alguma coisa.

– Você já consumiu o bastante dessas beberagens insípidas. O que verá é muito mais inebriante. Vamos! – E puxou-a com força.

Caminhando ao lado de Ingrid, enquanto abriam caminho rumo à sala reservada, ela percebeu como nunca antes toda a imponência e superioridade da criatura, que eram quase palpáveis, de tão fortes. Todas as pessoas giravam os pescoços ou arregalavam os olhos para a aparição. E Laura sentiu os olhares, alguns invejosos, outros hostis, dirigidos a ela; julgou inclusive ter ouvido cochichos sobre elas.

Os donos disso aqui estão levando essa festa bem a sério, estão orgulhosos ou apavorados em recebê-la, pensou Laura ao ver os dois seguranças, postados ao lado da porta da sala reservada. Eles não eram grandes e fortes, eram gigantescos, dois brutamontes de mais de dois metros engravatados, olhar frio e parado.

Ingrid aproximou-se com a maior calma, tirou sabe-se de onde uma espécie de amuleto de prata, todo intrincado e mostrou-o aos gigantes, que abriram a porta num misto de pressa e delicadeza, fazendo em seguida uma mesura enquanto elas passavam.

A jovem gótica que tudo sabia dos segredos da noite da metrópole olhou e não entendeu: a sala estava absolutamente vazia e bastante iluminada. Não havia ninguém, somente os sofás, pufes e poltronas.

A vampira deleitou-se com a expressão de palerma de Laura e gargalhou, as mechas do cabelo agitando-se no ar.

– Acha mesmo que faríamos uma festividade como essa, aqui, num lugar que pode ser invadido por qualquer mero mortal enxerido, não-eleito para conhecer a verdade sombria? A celebração às trevas ocorre lá embaixo. – E a mulher apontou para uma porta de aço nos fundos da sala, uma porta que Laura jamais vira ou ouvira falar sobre.

Alguma coisa, uma inflexão, um subtom na voz da mulher, incomodou Laura. Sua guia do mundo inferior falou de um modo teatral, estranho, como se duvidasse do que dizia, estivesse cansada do papel que encenava, a mesma inflexão que vibrava na voz dela,

Laura, quando fingia se vangloriar de aventurazinhas que na verdade lhe causavam enfado. Mas claro que ela não compreendeu isso, apenas sentiu algo estilhaçar-se dentro dela, algo que lhe dera forças e uma certa alegria, nos últimos tempos.

Ingrid introduziu o amuleto em uma fresta no centro da porta, que se abriu tão rápido que a gótica superior aos outros góticos deu um pulo involuntário. A vampira não fez sinal algum, apenas entrou e foi seguida por sua pupila. A escada era velha, rangia muito, causava uma opressora impressão de perigo. A escuridão era quase total, uma réstia de luz dançava, abaixo e bem longe. Conforme desciam por duas vezes um clarão explodiu no teto, sem som e sumiu como surgiu. Laura, é claro, apavorou-se com o fenômeno, mas escondeu bem a reação. O que a esperava? No que se envolvera? As estranhezas do mundo das trevas finalmente se relevariam na totalidade?

Ouvia os passos de Ingrid, nítidos e firmes, logo adiante. Após uma caminhada um tanto curta, a voz da mulher rasgou o breu:

– Bem vinda à essência da humanidade que incomoda tanto a ela mesma, a essa humanidade que impinge a si os maiores horrores e violências para fugir dessa verdade assustadora e viciante. E nós, imortais, os mestres da noite e do horror, somos a lembrança, a prova maior que caminha neste mundo, de que essa essência é a verdade que vocês tanto temem; e por isso também nos temem. Nós não somos monstros, somos a verdade sobre o ser humano que ele tanto teme descobrir. E agora, minha criança, minha acompanhante, você testemunhará uma celebração, um ritual, uma exaltação a tudo que é grandioso, belo, terrível e assustador. Acompanhe-me!

A porta foi empurrada lentamente, Laura sentiu o aperto da mão de sua mentora no pulso e em seguida foi puxada para um grande salão, iluminado por uma imensa luminária de teto, coberta de lâmpadas e peças de cristal lapidado, espaçoso e de cheiro suave e agradável. Uma infinidade de objetos estava espalhada pelo ambiente: largos sofás forrados de veludo vermelho, com pés dourados cobertos de entalhes; divãs também vermelhos; poltronas

negras; estátuas de mármore representando deuses gregos, homens e mulheres alados e guerreiros da Antiguidade em poses orgulhosas descansavam em cima de pedestais de ônix; vasos, pintados em um delicado tom de azul estavam lotados de flores de todas as espécies e cores, que perfumavam o ar; diversos instrumentos musicais estavam largados aqui e ali: violoncelos, violinos, flautas; em cima de três mesas de mármore negro havia uma multidão de cálices e garrafas de formatos exóticos, contendo todas as bebidas possíveis, copos e taças de cristal, cheios ou vazios, cinzeiros de vidro, nos quais repousavam piteiras e charutos de vários tamanhos. Duas colossais lamparinas de ferro fundido, cobertas de decorações, pendiam do teto, nos extremos do salão. O chão era forrado com um tapete de motivos orientais, muito baixo e fino.

E havia os seres que se entregavam à festa. Dezenas de homens e mulheres, de idades e tipos físicos os mais variados – adolescentes, jovens, adultos, maduros, brancos, muito brancos, morenos, mulatos e negros, orientais, mestiços de todo tipo – mas todos muito belos, a pele brilhando sob a luz, os corpos firmes e bem torneados. Todos vestiam apenas um collant branco e muito justo e alguns tinham os olhos escondidos por uma máscara dourada. Ninguém fazia sexo ou praticava indescritíveis abominações uns contra os outros, como Laura imaginou que seria, todos os dias, nas semanas anteriores àquela noite. Tudo que faziam era uma espécie de dança, ritmada, seguindo uma música que só estava presente em suas mentes, pois Laura não ouviu um único som musical. As pessoas atracavam-se, alisavam-se, juntavam os corpos em poses nas quais fingiam copular com fúria, roçavam os lábios, rolavam pelo chão juntas, para em seguida abandonar o parceiro e puxar outro, a escolha baseada no mínimo esforço – o mais próximo era o eleito.

Ingrid estendeu a mão, coberta por uma luva de veludo vermelho, para Laura, que deu a sua e foi conduzida para o meio do aposento, onde as bolinações e carícias eram frenéticas. Ali, ela pôde estudar os movimentos e expressões, após esquadrinhar três ou quatro dos presentes um súbito sentimento de horror e

decepção surgiu dentro de si como a dor mais violenta: todos ali – e ela percebeu que havia pelo menos seis vampiros presentes, ao notar os caninos e os olhos vermelhos reluzentes e despudorados – estavam tomados de desespero, mortificados pelo tédio e pelo vazio, os movimentos exagerados e teatrais de seus corpos não passavam de súplicas para que aquela festinha trouxesse algum calor e valor a suas vidinhas. Aquela malta, que Ingrid proclamou várias vezes ser a elite suprema e secreta dos seres da noite (humanos e não-humanos), que estava ali para atingir o ápice da perversão e da negação da normalidade, era igual a ela, Laura, e isso foi demais: era esse o segredo terrível e macabro que a vampira anciã anunciou com tanta pompa e mistério? O evento que tanto esperou, que saciaria em definitivo (ou quase) a necessidade que a devorava e a reduzia não passava de um exagero caricato das coisas que a atormentavam.

Ingrid a conduziu ao centro do salão, onde foi cercada, um grupo de cinco ou seis encarando-a nos olhos enquanto faziam uma espécie de dança de cortejo a seu redor. Ela devolveu o olhar, ansiando por qualquer coisa e nada. Não havia ali, nas pessoas, no ambiente, no evento, algo que pudesse salvá-la do que a destruíra um pouco dia a dia. Estava condenada a ser, para sempre, mais uma gótica depressiva perdida em seus exageros, mais uma garota vestida de preto a vagar pela cidade sem receber atenção especial ou admiração.

Não pôde suportar mais e, olhando por cima dos ombros, viu Ingrid e descobriu no rosto da mulher tudo que via em si e nos demais. A vampira que ela tanto admirava, o ser sobrenatural cuja companhia fez com que se sentisse grande e poderosa durante o tempo em que conviveram, parecia tomada dos mesmos sentimentos, das verdadeiras dores macabras e sombrias da existência, que ela descobriu se abatiam sobre mortais e imortais sem distinção.

Laura gritou, um som inarticulado de negação e desespero, empurrou a corja, que a cobria de carícias, com um safanão, e saiu em fuga, na direção da escada. A cada passo surgia alguém que

tentava agarrá-la, detê-la, mas ela livrava-se com uma agilidade e força que até então ignorou possuir.

Em poucos instantes ela estava espancando a porta que dava acesso ao mundo exterior, ao Darkness. Gritou e bateu tanto que os dois seguranças abriram. Em seguida desembestou para a rua, correndo, correndo, até que viu um táxi estacionado em uma praça um quarteirão acima. Acordou o motorista, balbuciou seu endereço e encolheu-se no banco traseiro, sem coragem de olhar para fora, tremendo e chorando.

Ao chegar a sua casa, arrastou a mesa de ferro que servia de mesa de jantar contra a porta, passou o trinco e encaminhou-se para a cama. Porém, não conseguiu jogar-se nela: quatro vultos saíram da semiescuridão e caminharam em passos lentos em sua direção: Ingrid e duas garotas, bem jovens, uma baixa e de cabelos curtos, a outra, mais alta, longos cabelos negros; e um homem alto de pele descorada, todos vampiros.

Laura não conseguiu esboçar um único movimento, apenas assistiu ser cercada. Ingrid chegou tão perto que os rostos quase se tocavam.

– Sim, minha criança, você descobriu que nós todos estamos juntos nessa estrada. Tudo que eu posso lhe oferecer agora é o beijo da imortalidade, para, quem sabe, você descobrir coisas sobre você mesma e sobre nós, habitantes das trevas, que afastem esse cansaço, sabe-se por quanto tempo. Você seria mais uma cria das trevas minha, como esses três amaldiçoados e abençoados são. – E dizendo isso, afastou-se um pouco, para que os três a envolvessem em uma sessão de carícias e toques meio brutos, pesados.

Logo ela estava sentindo uma tal onda de calor, o calor da excitação, que a entorpeceu e fez com que ela se pusesse a boliná-los, a retribuir o prazer com intensidade dobrada. De repente Ingrid chegou perto mais uma vez e os outros recuaram; jogou-a na cama, e Laura fechou os olhos em meio a um suspiro. A vampira abriu sem pressa os dois primeiros botões da gola do vestido, afastou o tecido com delicadeza para os lados e contemplou o pescoço, a pele clara e imaculada, o discreto movimento da

pulsção, de boca escancarada, os caninos saltados e a língua brincando entre eles. Suas crias sentaram-se ao redor da cama e assistiam imóveis e mudas.

Quando os dentes estavam a centímetros da veia jugular, um estrondo ecoou e os estilhaços da janela voaram pela quitinete. Todos deram um salto e após refeitos do susto viram diante deles uma figura enorme, quase dois metros de altura e da qual irradiava um brilho intenso. O ser tinha traços masculinos, as partes das pernas e braços que a túnica branca não cobria mostravam músculos e pele perfeitos, as mãos crispadas, os cabelos encaracolados escuros caíam pelos ombros. E as asas, enormes, brancas e bem abertas iam de ponta a ponta do minúsculo quarto. O olhar era severo e causou-lhes o mais fundo terror. Encarou-os por um instante apenas e trovejou numa voz imensa:

– Por que queres fazer mais uma vítima, ó aberração das trevas, excrescência maligna? Já criaste estas três criaturas miseráveis, que em nada mitigaram a vacuidade de sua alma negra, por que continuar a espalhar o sangue maldito pela Terra, se o que buscas é o repouso eterno? – O indicador da mão esquerda apontava para Ingrid.

Ela jogou-se aos pés da entidade e respondeu com dificuldade, entre prantos:

– Porque não aguento mais, porque o Cansaço, a Maldição dos Séculos, apossou-se de mim e não sei mais o que fazer. Porque apesar desse desespero me corroer nada como você veio a mim, para me destruir e me salvar.

– Não vim por ti, não existo para salvar vocês, mas, se preciso, para deter vocês, vim por esta pobre criatura. – Deu dois passos e tomou o rosto de Laura em suas mãos. O toque era frio e ausente.

– Criança fútil e tola. Acreditaste que os habitantes das trevas, mesmo um ancião, a salvariam do abismo que tu mesma cavaste em tua alma? O que tanta depravação e abuso fizeram? Tu te viciaste na baixeza e agora pagas o preço. Eu vim te alertar, pois ainda és humana, para estes miseráveis não há mais salvação. Foge das trevas e busca a retidão que bem no fundo é aquilo que desejas,

pois eu posso ver os mais fundos recônditos de todos vocês, humanos e bestas!

A criatura afastou-se até a janela arruinada, ergueu os braços, suas asas abriram-se ainda mais e ela entoou uma espécie de nota musical, um som que fez as menores fibras deles agitarem-se, um som que fez vibrar um segredo eterno que eles carregavam e ignoravam. Em resposta à melodia mística todos se encolheram em posição fetal e choraram feito criancinhas, até que o som cessou e nova explosão veio, fazendo com que saíssem do estupor. Ergueram-se, viram que o ser alado partira e se olharam. Laura sentou-se no chão, as mãos juntas, olhando para o nada e desfaleceu em seguida. Ingrid foi até os três vampiros mais jovens, que se encolhiam de medo em um canto, abraçados, e disparou:

– Não há mais nada entre nós, nossos laços estão rompidos e vocês sentem isso tão bem como eu. De hoje em diante, estão livres. Esqueçam de mim, pois eu vou esquecer vocês. E caso me procurem, eu os estraçalho com as mãos nuas! Me deixem em paz!

Antes que ela desaparecesse pela janela a garota de cabelos longos ousou dizer algo:

– O que vai fazer?

Ingrid virou-se e pensou demoradamente antes de responder:

– Vou buscar, com a ajuda de meu amigo humano, aquilo que o anjo me negou, vou em busca do que nos é negado, nem que tenha de provocar a fúria de todos os espíritos, licantropos, imortais e aberrações deste mundo. – E saltou na noite.

Os três entreolharam-se e espiaram a garota, largada no chão. Sem nada dizer um ao outro, fizeram o mesmo que sua criadora.

Seis e meia da manhã

Quando acordou, o sol lhe golpeando o rosto, Laura apanhou uma pequena mala, encheu-a de roupas, pegou todo dinheiro que encontrou nos bolsos e carteira e abandonou sua casa, sem fechar a porta e sem olhar para trás.

Durante algumas semanas escondeu-se em uma pensão na Liberdade, trancada no quarto todo o tempo, saindo apenas para comprar comida e buscar dinheiro, o mais tarde possível, para não ser vista. Mas sua conta corrente esvaziou-se e ela viu seu rosto estampado em um cartaz, encimando uma declaração desesperada de parentes que ela supunha tinham-na esquecido. No meio de uma noite nublada ela abandonou o esconderijo e vagou pelas ruas do centro por uma semana, esfomeada, meio enlouquecida, mal lembrando porque estava naquela situação. Quando conseguia dormir em uma praça ou largo qualquer, logo era atormentada por pesadelos terríveis.

Uma noite, um grupo formado por três “noias” a cercou, enquanto cochilava embaixo do Viaduto Boa Vista, e abusou dela de todas as formas. Laura só escapou porque conseguiu se apossar da navalha de um deles, com a qual fez um grande estrago nos marginais.

Coberta de sangue e feridas, correu, correu e correu, só parando ao desabar na porta do convento e orfanato da Liberdade, a um quarteirão da pensão em que se escondera. Seu impacto contra a porta e choro foram tão estridentes que uma madre abriu uma espia, viu seu estado e não hesitou em colocá-la para dentro.

Após os cuidados das freiras, banho, comida e tratamento dos cortes, além das palavras reconfortantes, sentiu-se novamente viva: embora houvesse uma névoa encobrendo as últimas semanas de sua vida, não havia nenhuma imagem nítida desse período.

Laura teve de insistir, e por fim, assim que se recuperou, foi admitida como noviça na ordem, dedicada a cuidar de crianças sem lar ou família. Quando a madre superiora perguntou sobre sua família, se esta sabia de seu paradeiro, ela insistiu que eles eram parte do passado que queria enterrar, inventando um pouco e aumentando outro tanto uma longa história de abusos e maus-tratos. E quando a madre perguntou qual seria seu nome na ordem, pois ao iniciar uma nova vida lá, precisava de um novo nome, ela não pensou muito, modificou um pouco o Beatriz de seu nome completo e respondeu de imediato:

– Beatrice, irmã Beatrice.

Laura, agora Beatrice, tornou-se uma irmã muito devota, trabalhadora, um exemplo de mulher dedicada a uma vida de retiro e de ajuda aos necessitados. Mas não eram raras as noites em que pesadelos a atormentavam, em que sonhava com sangue, causar dor, dentes e garras afiadas, devassidão e crueldade. O tempo passou e aquilo se tornou uma parte secreta, mas cada vez mais incômoda de sua mente, uma massa assustadora e retorcida de reminiscências que teria de enfrentar, cedo ou tarde...

Laura, Ingrid e os três vampiros serviçais desta jamais souberam que testemunharam um fenômeno que grassa pelo mundo desde que os homens nele apareceram: a existência de espíritos poderosos, mas inscientes e amorfos, que repousam em planos e lugares ignotos, um tipo de elemental sem forma e caráter definidos, que pode ser desperto por seres humanos tomados por emoções muito intensas. Se as emanações do espírito desse humano (e também de um vampiro ou licantropo) forem suficientemente fortes, atraem um desses espíritos e ainda lhes dão forma e capacidades, de acordo com as lembranças, os desejos e as necessidades mais profundas desse espírito.

Laura e Ingrid jamais souberam que o ser surgido no apartamento da gótica, na noite em que a antiga identidade de ambas morreu, não era um anjo divino enviado por uma força superior para impedir que a relação anormal delas atingisse um ponto sem volta, jamais souberam que ele era um desses espíritos ancestrais, que fora convocado por ambas sem que disso soubessem, e que a aparência, poderes e principalmente as duras falas que ele lhes dirigiu eram apenas projeção e afirmação da coisa mais persistente que ambas carregavam de seus primeiros anos de vida, a coisa da qual em realidade tinham um enorme medo de superar, a velha companheira de todos os filhos do Ocidente que creem em algo superior a eles: culpa.

Oito escritores se aventuram a fabricar histórias sobre eventos extraordinários, que transcorrem em lugares e tempos os mais variados, protagonizadas por seres que desafiam os parâmetros da vida cotidiana, rotineira e automática. Os contos, cá reunidos, recorrem a códigos de escrita e estilos de composição que estimulam a leitura capaz de romper os limites impostos pela concepção maniqueísta sobre as pessoas, a simbologia convencional dos objetos, a natureza e a razão dos acontecimentos. Esteja convidado(a) a percorrer as narrativas deste volume... por sua conta e risco.

